O ALBOR DO ATLETISMO 25

O atletismo tem as suas origens na antiga Grécia, mas nom é até o século XIX quando se configura a forma moderna que agora conhecemos. Este desporto chega à Galiza da mao dos trabalhadores da Eastern Telegraph e da Deustch Atlantische.

A RECUPERAÇOM FALAZ 11

A presente fase da retórica oficial, em relaçom com a crise, vem caracteriza-da polo seu termo mais recorrente: re-cuperaçom. Mas, que é o que se ve ao colocar o foco sobre os elementos mais reconhecíveis da crise?

"A Esmorga verá-se polo mundo adiante no idioma em que a escreveu Blanco Amor"

BENE RIOBÓ

IGNACIO VILAR
Diretor da nova adaptaçom fílmica d'*A Esmorga*
Págs. 22 e 23

NÚMERO 135 | 15 DE MARÇO A 15 DE ABRIL DE 2014 | 2 €

NOVAS DA GALIZA

PERIÓDICO GALEGO DE INFORMAÇOM CRÍTICA

Um diretivo de Ence é assessor da política agrária europeia

A empresa cobrará ajudas da UE por ter plantaçons de biomassa // O seu conselheiro Pedro Barato fai parte do Comité Consultivo da Política Agrária Comum

A reforma da Política Agrária Comum (PAC) da Uniom Europeia para o sexénio 2014-2020 chega com umha novidade fundamental: os cultivos de biomassa energética -fundamentalmente eucaliptos- serám susceptíveis de perceber ajudas para agricultura.

Ence, empresa líder no sector da biomassa com 18.000 hectares em toda a península, será a principal beneficiária do cámbio normativo. Esta companhia tem linha directa com a Comissom Europeia através de Pedro Barato Triguero, directivo da própria Ence e membro do Comité Consultivo PAC que emprega a CE para configurar a política agrária europeia. Ao mesmo tempo, Barato Triguero exerce de *lobbista* de Ence através do Ministério de Agricultura, pois também é o presidente da 'Asociación Agraria de Jóvenes Agricultores', tradicionalmente ligada ao PP. / PÁGS. 15-17

GALIZACONTRAINFO

Mulheres unidas contra Gallardón

A Plataforma polo Direito ao Aborto está a servir de catalisador para os coletivos feministas galegos / PÁG. 20 e 21

VIOLÊNCIA MACHISTA NA JUSTIÇA

Vítimas culpadas e violadores impunes

Estatísticas alertam que cada 30 horas se denuncia um delito contra a liberdade sexual. Cada dez dias, umha violaçom com penetraçom. Umha realidade ainda hoje coberta por um espeso manto de invisibilidade e impunidade. Assim, em 2012, 30% das denúncias por delitos contra a liberdade sexual nom dérom lugar a imputaçons ou detençons. E aínda, há casos como o relatado por A. A. V. Um tribunal absolvia o seu agressor porque podia 'nom ter-se decatado' e 'nom existe a violaçom por imprudência'. Sentenças assim seguem a culpabilizar as mulheres por serem violadas, em especial quando o agressor é umha pessoa próxima. / PÁGS. 18 e 19

SUPLEMENTO CENTRAL A REVISTA

OS RUMOROSOS
Através das suas subespécies, como o bravo, o silvestre e o manso, João Aveledo debulha a história e distribuiçom do pinheiro

O SALTO DO PASSARINHO
Carlo C. Varela trata a cultura da contraceçom e os métodos anticoncetivos empregues na Galiza tradicional

OPINIOM

ABORTEMOS O ESPAÇO PRIVADO P. Kalevala / 3

UM PEQUENO CÍRCULO... por Roi Ribeira / 3

HISTÓRIA ABREVIADA DO TERRORISMO EM ESPANHA por Xurxo Borrazás / 28

O PELOURINHO DO NOVAS

Se tés algumha crítica a fazer, algum facto a denunciar, ou desejas transmitir-nos algumha inquietaçom ou mesmo algumha opiniom sobre qualquer artigo aparecido no NGZ, este é o teu lugar. As cartas enviadas deverám ser originais e nom poderám exceder as 30 linhas digitadas a computador. É imprescindível que os textos estejam assinados. Em caso contrário, Novas da Galiza reserva-se o direito de publicar estas colaboraçons, como também de resumi-las ou extratá-las quando se considerar oportuno. Também poderám ser descartadas aquelas cartas que ostentarem algum género de desrespeito pessoal ou promoverem condutas antisociais intoleráveis. Endereço: pelourinho@novasgz.com

SOBRE O ARTIGO 'AGENDA ANO ZERO'

No meu artigo 'Agenda Ano Zero', publicado no número 133 do Novas da Galiza, aludia ao artigo 'Soluçons de emergência', escrito por María Pampín e publicado no número 132 deste jornal. Devido a umha redaçom deficiente, o meu texto resultou ambíguo nesse momento, de tal forma que se podia entender que pretendia criticar e até desqualificar o texto de María Pampín. Isso mesmo foi o que entendeu Lola Maceiras, segundo denunciou na missiva enviada ao Pelourinho do Novas que pudemos ler no último número. Quero esclarecer que a minha intençom era justamente a contrária. Pretendia recomendar a leitura do artigo de María Pampín, por abordar com seriedade e espírito crítico um dos temas que eu proponho incorporar à agenda da imprensa crítica galega: a tensom entre serviços públicos e iniciativas auto-geridas. Pido desculpas a María Pampín e à comunidade leitora do Novas da Galiza por este erro.

Isaac Lourido

A CASA NATAL DE CARVALHO CALERO COMO METÁFORA

Há mais de umha década que a Fundaçom Artábria vinha anunciando o que finalmente aconteceu. Progressivamente, a casa natal de um dos mais importantes nomes da cultura galega nascidos em Ferrol foi apodrecendo e caindo aos pedaços. Ano após ano desde inícios da década de 90, a nossa entidade homenageou Ricardo Carvalho Calero ali, pedindo de maneira reiterada que os sucessivos governos municipais, que já estivo em maos —em diferentes etapas— de todos os partidos hoje presentes na corporaçom ferrolana, assumissem a restauraçom do edifício.

A resposta fôrom boas palavras, promessas incumpridas e escassas concreçons, umha das quais supujo o gasto de 350 mil euros públicos para adquirir o prédio. Porém, a falta de continuidade na iniciativa de recuperaçom desse pedaço do nosso património levou a que agora o edifício tenha colapsado polo efeito do mau tempo e do seu estado ruinoso.

Da Fundaçom Artábria nom podemos deixar passar este triste dia sem denunciar o que este acontecimento vem significar: as instituiçons públicas desprezam o património nacional galego, deixando-o esmorecer enquanto desviam fundos milionários para a promoçom da cultura-lixo espanhola.

Como vizinhos e vizinhas de Ferrol, consideramos os atuais governantes do PP máximos responsáveis pola derrocada desse pedaço da nossa história e apelamos ao conjunto da vizinhança de Ferrol para que deixemos de dar cobertura a uns governantes que constituem a negaçom do interesse público comum.

Fazemos extensiva a nossa denúncia ao estado geral de um bairro, o de Ferrol Velho, que é umha parte fundamental da história de Ferrol e que sofre umha decadência insuportável, ilustrativa da situaçom geral do Concelho de Ferrol, em maos de umha classe dirigente inepta e alheia aos interesses da maioria do nosso povo.

Contra ela e as suas políticas, a Fundaçom Artábria continuará a fazer trabalho de base em defesa da língua, da cultura e dos direitos nacionais da Galiza, como até agora temos feito durante as últimas duas décadas.

Fundaçom Artábria

HUMOR RUTH CARAMÉS

EDITORIAL

A UE dos 'lobbies'

A cidadania europeia está chamada a votar em maio para eleger os seus representantes no Parlamento Europeu, essa máscara democrática com a que se disfarça a Uniom Europeia. Quando umha votante constata como a política mais relevante da UE, a Política Agrária Comum (PAC), é elaborada ao ditado dos grandes lobbies empresariais e em contra dos interesses da economia popular, neste caso das labregas, fai bem em preguntar-se: para que serve o meu voto?

Nom deixa de resultar escandaloso, mesmo para quem souber que este sistema está podre, que o conselheiro da Ence Pedro Barato Triguero seja também membro do órgao consultor que emprega a Comissom Europeia para elaborar a PAC –pois lembremos que é a Comissom e nom o Parlamento a que realmente corta o bacalhau, a mesma Comissom que nom é eleita através das urnas, mas a dedo polos governos-. Só assim se pode explicar que a nova política agrária reformada neste ano vaia subvencionar com dinheiro público os cultivos de biomassa energética dos que -surpresa!- a própria Ence é a primeira produtora no Estado espanhol. Alguém pode imaginar que este conselheiro a soldo de Ence "aconselhe" à CE outra cousa que nom seja subvencionar a atividade da mesma Ence?

Que a inclusom da biomassa como cultivo suscetível de receber ajudas da PAC vaia supor um forte incentivo para os eucaliptos substituírem a plantaçom de alimentos nom parece ser um factor a ter em conta pola CE. A soberania alimentar dos povos europeus nom importa, tampouco o elevado risco de incêndio dumhas árvores que chucham toda a água e esquilmam a terra. Muito menos importa que os cultivos de biomassa nom precisem quase de trabalhadoras, justo o contrário que a agricultura real. A CE promove um modelo de gente sem terras e terras sem gente. Todo isto para que grandes empresas como Ence melhorem as suas contas de resultados.

Quando os poderes económicos tenhem tam atado e bem atado o entramado institucional europeu, nom é doado chegar a compreender como umhas eleiçons ao Parlamento de Estrasburgo podem mudar algo. A casa comum de todos os europeus funciona assim. Por isso, para além da cita eleitoral quinquenal, qualquer programa político que se quiser emancipador haverá de pôr no centro do debate que caminho fazer para o desmantelamento, gradual ou por derrubo, desta UE dos lobbies.

EDITORA
A.C. Minho Media

CONSELHO DE REDAÇOM
Iván G. Riobó, Aarón López Rivas, Rubén Melide, Xavier Miquel, Raul Rios, Xoán R. Sampedro, Olga Romasanta, Alonso Vidal

SECÇONS
Cronologia: Iván Cuevas / **Economia:** Aarón López Rivas / **Mar:** Afonso Dieste / **Media:** Xoán R. Sampedro e Gustavo Luca / **Além Minho:** Eduardo S. Maragoto / **Povos:** José Antom 'Muros' / **Dito e Feito:** Olga Romasanta / **A Denúncia:** Iván García / **Desportos:** Anjo Rua Nova e Xermán Viluba / **Consumir Menos, Viver Melhor:** Xan Duro / **A Criança Natural**: Maria Álvares Rei / **Agenda:** Irene Cancelas / **A Revista:** Rubén Melide / **A Galiza Natural:** João Aveledo **Língua Nacional:** Valentim R. Fagim / **Criaçom:** Patricia Janeiro / **Cinema:** Xurxo Chirro, Iván García Ambruñeiras e Julio Vilariño

DESENHO GRÁFICO E MAQUETAÇOM
Hilda Carvalho, Joám Fernandes, Manuel Pintor, Helena Irímia

FOTOGRAFIA
Arquivo NGZ, Sole Rei, Galiza Independente (GZI-Foto), Zélia Garcia, Borja Toja

ADMINISTRAÇOM
Carlos Barros Gonçales

AUDIOVISUAL: Galiza Contrainfo

HUMOR GRÁFICO
Suso Sanmartin, Pestinho, Xosé Lois Hermo, Gonzalo, Ruth Caramés, Pepe Carreiro, Mincinho, Beto

CORREÇOM LINGÜÍSTICA
Xiam Naia, F. Corredoira, Vanessa Vila Verde, Mário Herrero, Javier Garcia, Iván Velho, José Dias Cadaveira, Albano Coelho

COLABORAM NESTE NÚMERO
Ana Viqueira, María Abelleira, Ruth Caramés, Patricia Kalevala, Roi Ribeira, Júlio Teixeiro, Santi Martínez, Bombai, Zélia García, Lara Dopazo Ruibal, Óscar Fernández, Xurxo Borrazás, Carlos C. Varela, Sabela Iglesias, Susana Sánchez Arins, Isabel Rei

FECHO DE EDIÇOM: 16/03/2014

D. LEGAL: C-1250-02 / As opinions expressas nos artigos nom representam necessariamente a posiçom do periódico. Os artigos som de livre reproduçom respeitando a ortografia e citando procedência.

OPINIOM

Abortemos o espaço privado

Patricia Kalevala

Mulheres, bolleras, trans e outras subjetividades dissidentes do heteropatriarcado capitalista somos sempre as primeiras em viver na nossa pele os efeitos do recrudescimento das políticas de controlo que o governo põe em marcha quando a situação social e econômica o legitima.

As denominadas crises económicas são boa escusa para manter no eido privado qualquer avanço transformador do público: a posta em comum de estratégias e alianças; as liberdades sexuais, severamente cortadas por ordenamentos municipais ao longo e largo do Reino de Espanha; as nossas corporalidades desestabilizadoras. Interessa, em última instância, manter vigente o binómio público / privado.

Neste sentido é surpreendente o jeito em que os úteros devêm lugar público; a praça de Abastos de Compostela dentro dos nossos corpos. Todo o mundo opina sobre os úteros. E o mundo, do ponto de vista da história e da academia, tem pirola. Na TV estatal rara é a noite em que um plató não está cheio de senhores de 200 anos, com gravatas feíssimas, elucubrando sobre o que melhor convém às portadoras

As denominadas crises económicas são boa escusa para manter no ámbito privado qualquer avanço transformador do público

do milagre da vida.

A herança católica, igual que a cultura da transição, atravessa a cosmovisão espanholaça como uma águia imperial algo solta do estômago e converte a maternidade numa sorte de ministério dentro da família. Ao ser a família nuclear uma instituição (penitenciária), a maternidade tem caráter público e não se passa nada por fazer debates entre machos de esquerda e de direita —com a ocasional presença dalguma mulher como por acasso— para ganhar audiência e dinheiro com temas 'polémicos'; por opinar sobre algo que lhes é alheio. Exatamente idéntico é o trato que se dá à prostituição, em cujos debates nunca há putas e sim gurús da moral.

O aborto é a cúpula mais visível de todo um mecanismo de controlo corporal que permete o correto decorrer da história mais rançosamente patriarcal. A nova lei do aborto de Gallardón rouba liberdades às mulheres mas não só. O Estado cria leis panópticas que regulam os nossos fluídos e os nossos afetos, os nossos medos e os relacionamentos entre subjetividades, e o olho do poder vai vigiar sempre x outrx: xs 30 000 negrxs pobres que cruzam a fronteira cara à fição europeia, as mulheres que não querem produzir de balde novxs escravxs para o sistema neoliberal, as transmaribolleras, as prostitutas, expulsas até à periferia para não serem percebidas pela cidadania decente. O que todas as leis baseadas na ideia dx outrx partilham é a ânsia por calar os nossos desejos fechando-os no privado. Assim, temos espaços como o cárcere, a universidade ou os locais de ambiente, onde pagamos para liar-nos com quem nos queremos liar sem molestar a decência nem pôr nenhuma estrutura de pirolas de 200 anos em perigo de morte. Cómpre abolirmos esses membros de 200 anos imbuídos dum poder que nunca lhes outorgamos e tatuemos-lhes na frente que o feto punk não quer nacer.

Um pequeno círculo de amigos e amigas

And I'm sure it wouldn't interest anybody Outside of a small circle of friends.
(Phill Ochs)

Roi Ribeira

Eu e o meu pequeno grupo de amigas e amigos odiamos fundamentalmente a Belén Esteban e, por suposto, rimo-nos de toda essa gente que vai a que lhe assine um livro. Essa gente profundamente alienada que, deduzimos nós, nom assiste às manifes às que nós assistimos ou vota às opçons políticas progressistas que nós votamos. É incompatível. É possível que, na ringleira de pessoas que aguardam por um autógrafo da estrela televisiva, haja algumha grevista, alguém saindo do armário num entorno hostil, algumha vítima de despejo vencendo a vergonha ou alguém que na sua empresa faga frente ao patrom. Mas só nós damos a cara.

A mim e ao meu pequeno grupo de amigos e amigas desagradanos profundamente o *reaggeton*. Umha música (pode-se-lhe chamar assim?) vulgar, acompanhada dum baile de conteúdo claramente sexual que, imaginamos, está pensada para ser escuitada em lugares onde as drogas, o álcool, a violência e o sexismo som a norma. Nós frequentamos lugares livres de todo isso. Alguém o duvida? Eu e o meu pequeno grupo, ainda que nunca falemos disso entre nós, temos as cousas claras: superamos o machismo, tomamos drogas com responsabilidade e com certeza temos umha amizade gai ou migrante à que pôr de exemplo quando for preciso.

Eu e o meu pequeno grupo de amigos e amigas odiamos a *horterada* dos carros *tuneados*. Mocidade que só pensa no dinheiro, o ruído e a festa. É claro que nom se preocupam polo seu futuro do jeito como nós nos preocupamos polo nosso indo para Berlim para encontrarmos trabalhos acordes com o nosso extenso currículo. Porque nós, sim, nós, somos a geraçom melhor preparada da história deste país e nom estamos dispostos a desperdiçar-nos tentando mudar o nosso presente neste lugar no que, claramente, nom se nos valora. Porque claro, as e os que aguardam por Belén Esteban, dançam reggaeton ou tenhem o carro tuneado nom apreciam todo o que eu e o meu grupo fazemos por este País. Votamos.

Destinamos o nosso tempo a pensar como atrairmos mais pessoas. Nom qualquer pessoa, porque há cousas que já temos superadas

Com certeza que eu e o meu pequeno grupo de amigos e amigas estamos organizados politicamente. De facto estamos organizados num grupo pequeno com as cousas bem claras e, claramente, nom falamos nem de cultura, música, sexo, drogas ou lazer mas do verdadeiramente importante. O nosso grupo, claramente, nom tem nada a ver com aqueloutro que está confuso nos temas importantes nem com estoutro que nom tem claros os métodos de luita. Unimo-nos em momentos pontuais porque é mais o que nos une que o que nos separa ainda que nos matizes temos diferenças importantes.

Eu e o meu pequeno grupo de amigos e amigas gostaríamos de que se nos unisse mais gente. Por isso destinamos a maior parte do nosso tempo a pensar como é que podemos fazer para atraírmos mais pessoas. Nom qualquer pessoa, porque nós há cousas que já temos superadas e que, com certeza, nom vamos voltar debater. Assembleias de quincememos outra vez? Nom, obrigado. Fagamos o de sempre que aqui seguimos e temos umha trajetória que defender. Estamos abertos à crítica, mas um afeiçoado ao *bum-bum-latino* nom tem nada que achegar.

Eu e o meu pequeno grupo de amigos e amigas sabemos que quando algo do que nós pensamos começa a ser comentado pola gente que segue a Belén Esteban, escuita *reggaeton* ou tem o carro *tuneado*, é que desde o poder se favoreceu a apertura dalgumha válvula de escape. Porque se algo temos claro é que nós nunca vamos ganhar.

Em todo o caso, e sempre em todo o caso, eu e o meu pequeno grupo de amigos e amigas temos claro a que classe pertencemos.

ACONTECE

XURXO RODRIGUES OLIVEIRA É TRANSLADADO À GALIZA

O preso político Xurxo Rodrigues Oliveira foi transladado para a prisom da Lama, em Ponte Vedra. O jovem permanece em prisom desde que foi arrestado em outono de 2012, ainda à espera de juízo, que será celebrado no próximo mês de maio.

VISTO PARA SENTENÇA O JUÍZO DE 'SENLHEIRO'

O preso político galego Adrián Mosquera, 'Senlheiro', declarou-se inocente dos cargos de "integraçom em banda armada" e "posse de explosivos" dos que o acusava a fiscalia da Audiência Nacional.

Anova e BNG medem forças no caminho eleitoral de Estrasburgo

DIFERENTES ESTRATÉGIAS E ALIANÇAS PASSARÁM POLAS URNAS O 25 DE MAIO

NGZ / Umha vez celebrado o referéndum interno de Anova Irmandade Nacionalista e após a decisom das CUP catalás de nom concorrer às eleiçons, ficam completamente fechadas as opçons eleitorais do nacionalismo galego para o próximo 25 de maio. A militáncia de Anova decidiu no seu referéndum reeditar AGE e concorrer integrada em coaligaçom com a esquerda federal (Izquierda Unida), em detrimento da opçom que apostava em concorrer coaligada com a esquerda nacionalista das naçons sem estado. Por enquanto, o BNG mantivo a sua decisom de concorrer coaligado com EH-Bildu, apesar de as CUP nom acudir à cita eleitoral –o acordo adoptado pola militáncia num princípio incluía também a formaçom catalá-.

A maior dúvida que fica agora sobre a mesa é quem será a candidata designada por Anova para ocupar o quinto posto da lista patada com IU, ainda que todas as miradas estejam já postas na exsecretária geral do Sindicato Labrego Galego, Lídia Senra, o nome proposto pola Coordenadora Nacional da formaçom. No fecho desta ediçom do Novas da Galiza, esta decisom ainda nom fora ratificada pola militáncia.

Pola sua banda, o BNG evitou desvendar qual posto ocupará a força galega na lista conjunta com a esquerda *abertzale*, se bem já leva tempo decidido que a sua cabeça de lista será novamente Ana Miranda.

Este 25 de maio será a primeira vez que BNG e Anova medam as suas forças eleitorais depois das autonómicas de 2012, em que a recém criada AGE irrompia na política institucional passando mesmo por acima do Bloco. Além dos programas eleitorais e do trabalho realizado durante a presente legislatura, as votantes também avaliarám as alianças eleitorais traçadas polos partidos galegos: Bildu no caso do BNG e Izquierda Unida no de Anova, com a diferença de que desta volta a circunscriçom é única a nível do Estado espanhol.

Nós-UP rechaça apresentar-se

Pola sua banda, Nós-Unidade Popular decidiu nom participar do processo eleitoral "ao nom ser possível articular a candidatura que Galiza necessita". Da organizaçom independentista, culpam Anova e BNG de serem "incapazes de atingir acordos mínimos comuns" para formar a candidatura soberanista e rupturista galega que Nós-UP propugera num primeiro momento.

A Junta abre as portas à universidade privada

NGZ / Os sindicatos e organizaçons estudantis levam anos a denunciar a progressiva privatizaçom das universidades públicas galegas, mas agora é umha universidade totalmente privada a que se implantará na Galiza. Assim o ratificou o Conselho da Junta depois de que o Conselho Galego de Universidades aprovasse a adscriçom do Cesuga (Centro de Estudos Superiores Galegos) à Universidade San Jorge, com sé em Aragom. Esta votaçom saiu adiante por umha estreita margem, 8 votos a favor, umha abstençom e 7 votos em contra. Entre estes últimos encontravam-se os dos três reitores galegos.

Assim, a universidade católica e privada de San Jorge impartirá quatro graus durante o próximo curso 2014-2015 no Cesuga, alguns já disponíveis nas universidades públicas galegas: Publicidade e Relaçons Públicas e Traduçom. O Cesuga também leva lecionando desde 1995 Administraçom e Direcçom de Empresas e Arquitectura, disciplinas também existentes na universidade pública. A Universidade de San Jorge está promovida pola arquidiocese de Zaragoza e resumem na sua missom-visom os dous piares fundamentais do seu projeto: "humanismo e valores cristáns".

CRONOLOGIA

10.02.2014 / Rebenta umha das balsas de lodo da mina de quarzo de Monte Neme, entre Malpica e Carvalho.

11.02.2014 / Alunado da USC recebe Baltasar Garzón ao berro de 'fascista' e 'torturador' numha palestra na faculdade de Educaçom. Outra conferência, prevista em História, suspende-se.

12.02.2014 / Entram na compostelana Sala Iago três anos depois da anterior ocupación. Serám despejados pola polícia a 17.

13.02.2014 / Alberto Núñez Feijóo anuncia que cederá os espaços baleiros da Cidade da Cultura a empresas privadas "sempre que respeitarem a "arquitetura e finalidade" do complexo.

14.02.2014 / Milhares de pessoas protestam em Ponte Vedra contra a reasignaçom sanitária de pacientes do Salnês e Ponte Vedra a Compostela.

16.02.2014 / Dúzias de pessoas manifestam-se em Ponte Vedra contra o maltrato animal.

17.02.2014 / Um marinheiro morto e outro hospitalizado após o naufrágio do Nueva Sara entre as rias de Ares e Corunha.

19.02.2014 / Centos de mulheres inscrevem os seus corpos nos registos da propriedade da Corunha e Compostela como açom simbólica contra a lei do aborto.

20.02.2014 / Estudantado em greve contra a LOMQE com um seguimento de 75% e numerosas manifestaçons nas vilas.

21.02.2014 / Dous motoristas de Ogrobe, trabalhadores de Transportes Cameselle, morrem num accidente de circulaçom em Fuentes de Ropel (Samora).

22.02.2014 / Umhas 5.000 petiçons de amparo contra a reforma da lei do aborto colapsan registo do Valedor do Povo.

23.02.2014 / Mais de mil pessoas manifestam-se em Sárria contra a tala das árvores do Malecom, ameaçadas pola Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil.

24.02.2014 / Vizinho de Lugo é detido após confesar o assassinato da sua dona, desaparecida desde o domingo, no segundo caso de violência de gênero na Galiza em 2014.

25.02.2014 / Medio milheiro de persoas participam numha ca-

JUNTA REPARTE 1.135.000 EUROS ENTRE JORNAIS EM ESPANHOL

A Junta vem de publicar no DOG a convocatória de subvençons para empresas jornalísticas e de radiodifusom, com o único requisito linguístico de ter um 9% dos conteúdos em galego. Outros requisitos como contar com cinco trabalhadores ou aparecer no EGM ou na OJD deixa fora numerosos meios em galego.

GREVE INDEFINIDA NO HOSPITAL POVISA DE VIGO

Na segunda-feira 17 de março deu começo umha greve indefinida convocada polas trabalhadoras do hospital Povisa da cidade Olívica -CIG, CGT, UGT e SGPS-, em rejeitamento da "constante perda de direitos laborais" e da "rebaixa da qualidade assistencial no centro médico" que, asseguram, já está a afetar numerosas pacientes.

Novos casos de corruçom política municipal em numerosos concelhos

IMPUTAM POR PREVARICAÇOM À JUNTA DE GOVERNO OURENSANA DE 2008

Registo na sé da Deputaçom Provincial de Ponte Vedra durante a Operaçom Patos

NGZ / Ainda com as revelaçons do sumário Pokémon presentes no cenário político de diversas cidades, novas imputaçons por casos de corruçom em administraçons municipais continuam a fazer-se públicas. Assim, as cidades de Ourense e Compostela, com umhas corporaçons já tocadas pola citada operaçom judicial, vírom a vários dos seus representantes políticos envoltos em novos processos judiciais.

No caso da cidade ourensana, o Julgado de Instruçom nº2 desta localidade cita a declarar como imputados os componhentes da Junta de governo local em 2008, formado por socialistas e nacionalistas, por prevaricaçom e cita-os a declarar por um processo de adjudicaçom de obras pertencente a tal período. Segundo transcendeu nos meios de comunicaçom, a adjudicaçom contava com um importe de mais de 600.000 euros a umha empresa cujo diretor financeiro era membro da executiva local do PSdeG. Estas imputaçons afetam a três membros da atual corporaçom municipal: o alcalde, a concelheira de Urbanismo e a de Bem-Estar.

Por outra banda, a juíza Ana López-Suevos vê indícios de delito nos sete membros do governo municipal de Compostela que em maio de 2012 aprovárom pagar com dinheiro público a defesa jurídica do concelheiro de Desportos Adrián Varela pola sua imputaçom na operaçom Pokémon. A situaçom do concelho compostelám, com dez edis, entre eles o alcalde, imputados em diversos casos de corruçom, provocou que o próprio presidente da Junta da Galiza tivera que fazer declaraçons públicas, embora a sua postura fosse a de deixar passar o temporal e nom aplicar nenhumha medida contra estes representantes políticos envoltos em processos judiciais.

Patos e Louzán

No mês de fevereiro tivo lugar umha nova operaçom contra a corruçom política: a chamada operaçom Patos, no marco da qual se registaram os concelhos de Compostela, Ponte Vedra, Vigo, Ponte Areias, Nigrám e Ourense, assim como a Deputaçom de Ponte Vedra. Nessa operaçom foram detidas quatro pessoas vinculadas à empresa Cespa e o concelheiro de obras de Nigrám.

Por outra banda, o presidente de deputaçom provincial de Ponte Vedra, Rafael Louzán, foi chamado a declarar perante a Fiscalia com motivo de umhas diligências abertas por um possível delito económico em relaçom com o arrendamento de três locais da sua propriedade.

Suspendem ingresso em prisom de sindicalistas condenados

NGZ / O Julgado do Penal número 1 de Vigo notificou a "suspensom do cumprimento da sentença executória" em que resultárom condenados a três anos de prisom os trabalhadores Serafín Rodríguez e Carlos Rivas "enquanto se tramita e nom se resolva o expediente de solicitude de indulto" polo Conselho de Ministros. A juíza motiva esta decisom " atendendo às circunstancias atuais concorrentes em relaçom ao condenado, ao delito e à natureza e duraçom da pena a executar".

Rodríguez e Rivas foram condenados pola sua participaçom num piquete numha greve de transporte de mecardoria na província de Ponte Vedra acontecida em 2008. Desde que se figera pública a notícia da sua condena, um amplo movimento de solidariedade está a reclamar o seu indulto. O Parlamento galego aprovou recentemente a petiçom de indulto para estes dous trabalhadores. A proposta foi levada à cámara polo BNG mas umha emenda do PP rebaixou o acordo à petiçom de um indulto parcial com a finalidade de evitar o seu ingresso em prisom.

CRONOLOGIA

minhada reivindicativa para exigir jornada escolar matutina e transporte à entrada e à saída na escola pública de Ventim (Ames).

26.02.2014 / Vizinhança contrária à expansom do Clube Náutico de Sam Genjo rodeia com sacas com roupa velha um dos pilares da obra e pom-lhe lume.

27.02.2014 / Milhares de pessoas saem à rua nas vilas e cidades do país, convocadas pola Aliança Social Galega, para reclamarem umha outra saída á crise.

28.02.2014 / Tribunal Supremo declara "nulo de pleno dereito" por un defeto de forma o decreto de 2007 que paralisava a voragine urbanística em Barreiros.

02.03.2014 / Aparece morto na praia da Ermida José Cores Cores, pescador que desaparecera o dia anterior em Corme.

03.03.2014 / Derruba-se parcialmente polo temporal a casa natal de Carvalho Calero, propriedade da cámara municipal de Ferrol.

04.03.2014 / Vigo queima no seu entroido um meco feito à imagem de Alberto Núñez-Feijóo.

05.03.2014 / Uns 2000 emigrantes retornados manifestam-se na Corunha contra as multas que Facenda lhes impom polas suas pensons.

06.03.2014 / Grupo Sargadelos declara-se em suspensom de pagamentos.

07.03.2014 / Uns 1000 marinheiros do cerco reclamam na Corunha um trato igualitário no reparto de quotas de jurelo e xarda e pedem a demissom de Cañete e Quintana.

08.03.2014 / Concentraçom da vezinhança em Ferrol Velho para demandar a reconstruçom do bairro após os últimos derrubes.

09.03.2014 / Mais de 5.000 pessoas manifestam-se em Compostela contra as políticas que pervertem os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres.

10.03.2014 / O pesqueiro Santa Ana, de bandeira portuguesa e armador de Muros, embarranca frente a Astúrias, deixando dous mortos e seis desaparecidos, entre os que contam vários galegos. Ainda nom se atopárom todos os corpos.

GALIZA POLA SOBERANIA COMEMORA BANQUETE DE CONJO

A iniciativa Galiza Pola Soberania organizou um banquete na paróquia compostelana de Conjo coincidindo com o 158 aniversário do histórico jantar em que participaram os chamados precursores do Rexurdimento galego junto com operários e estudantes. Os discursos corrêrom a cargo dos coletivos participantes, como Agir, a CIG ou as MNG.

GALIZA HOMENAGEIA VENEZUELA BOLIVARIANA DE CHÁVEZ

Coincidindo com o primeiro aniversário da morte do presidente da Venezuela Hugo Chávez Frías, a Associaçom Galega de Amizade com a Revoluçom Bolivariana celebrou um concerto em homenagem ao líder latinoamericano. No festival atuárom Liska!, Ondas del Caribe, Os três Trebons, Sés, Uxía e Sérgio Tannus e Zurrumalla.

ENTREVISTA A SANTIAGO LAMELO, DA PLATAFORMA DE APOIO ÀS MARCHAS DA DIGNIDADE

“Temos que juntar-nos e unir forças para luitar contra os poderes económicos”

A.L. / Vários coletivos e movimentos sociais galegos estám a chamar a participar das Marchas da Dignidade que o vindeiro 22 de março percorrerám as ruas de Madrid, capital do Estado espanhol. Para isto, a plataforma de apoio na Galiza às marchas fletou um comboio que se deslocará ate esta cidade o próprio dia 22, prevendo a participaçom de centos de pessoas da nossa terra. Santiago Lamelo está a participar da organizaçom das marchas da cidade da Corunha e fai parte do coletivo Frente Cívica: umha entidade estatal impulsada polo ex-secretário geral de Izquierda Unida, Julio Anguita. Lamelo considera necessário unir esforços e conseguir umha maioria capaz de combater o sistema para atingir umha democrácia real, deixando para um segundo plano reivindicaçons como o direito de autodeterminaçom.

Como nasceu a plataforma de apoio às marchas da dignidade na Galiza?

Nasceu através dos sindicatos alternativos da Galiza, especialmente da CUT que estivera em contato com o SAT de Andaluzia. Logo forom-se somando outros sindicatos como a CGT, o SLG, o Sindicato Ferroviario, e outros coletivos como a Frente Cívica ou Stop Despejos... Todo o tipo de coletivos sociais. A todos nos une a intençom de mudar este sistema totalmente injusto. Agora mesmo nom está a governar o povo, senom os mercados. É o capitalismo quem está a nos governar e nom tem em conta para nada as pessoas.

Que papel jogam as marchas do 22M nessa luita pola mudança do sistema?

A intençom é que estas marchas servam também para que continue a comunicaçom e a uniom de todos os grupos para continuar a trabalhar na mesma linha e fazer umha causa comum para tombar o sistema. As marchas som um meio para unir toda essa gente que é contra do que está a passar. Nom rematam aí, logo há muito trabalho que fazer a meio e longo prazo.

> “A Junta e o Estado som marionetas do poder económico”

Que leitura fazedes de que os sindicatos maioritários nom participem das marchas?

A verdade é que nom o compreendo, pois penso que a luita é a mesma: buscar a unidade, estar todos em Madrid e luitar contra a Troika e os cortes que nos vam afetar por igual. Quando botem a gente à rua nom vam preguntar se eres de um sindicato maioritário ou de um alternativo. Vam-te botar à rua e pronto. Penso que toda a cidadania tem que estar em conjunto trabalhando nisto, independentemente de que logo tenhas outros interesses sindicais ou partidários. A mim parece-me um erro que coletivos tam importantes nom estejam a apoiar de jeito ativo as marchas do 22M. Dá a sensaçom de que nom querem participar de algo que nom organizem eles.

Que atividades e mobilizaçons se realizarám além das próprias marchas?

As marchas som o 22 às 5 da tarde, mas os dias 23, 24, 25 haverá mais atos como acampadas, assembleias a pé de rua... Por desgraça, nós temos alugado o comboio apenas para passar ali o dia 22. Logo, houve diversos atos em todas as comarcas, cada comarca se organiza. Na Corunha e em Vigo estivo Diego Cañamero, do SAT. Houve manifestaçons em todas as cidades galegas... quando remate a marcha seguiremos trabalhando e procurando umha maioria que seja contra todo este sistema.

Este esforço mobilizador de cara ao 22M servirá para fortalecer na Galiza a unidade entre os coletivos que trabalham por umha mudança social?

Penso que pode servir polo menos para que muitos coletivos que tenhem interesses um pouco diferentes, ou mais centrados no tema local ou galego, podam compreender que todas as decisons que nos estám a afetar se tomam em Bruxelas, na Troika, no FMI, nos EEUU... Temos que juntar-nos e unir forças para luitar contra todo este poder. Nom se pode andar com divisons. Se se conseguir criar essa unidade para derrotar esse poder sim que se poderia falar doutro tipo de cousas porque seríamos as pessoas as que poderíamos decidir se queremos um tipo de convivência, um tipo de integraçon no Estado ou nom... Este tipo de cousas poderiam chegar quando seja a gente a que esteja no poder.

> “Por cima de todo tenhem que estar os direitos humanos”

Nestas marchas da diginidade tem cabida a reivindicaçom da autodeterminaçom dos povos que atualmente estám baixo o poder do Estado espanhol?

Todas as ideias destas marchas partem partem da democracia, e se a populaçom quer a autodeterminaçom dum povo por suposto tem cabida. O que nom pode ser é que todos os modelos de convivência e de economia venham marcados por poderes aos que ninguém lhes deu o voto. Tanto a Junta da Galiza como o Estado espanhol som singelas marionetas desse poder económico. Tem mais poder Botín ou qualquer empresa elétrica do que qualquer cidadám, seja da ideologia que seja. O governo deveria ser elegido para que governe e o poder económico deveria estar supeditado ao poder político. Entom, se se consegue criar umha verdadeira democracia teria cabida a reivindicaçom do direito de autodeterminaçom, como qualquer um outro direito. Mas eu penso que por cima de todo tenhem que estar os direitos humanos.

ACUSADO DE "ENALTECIMENTO" POR COMENTÁRIOS EM TWITTER

O militante de Briga Lucas Arbons, menor de idade, foi chamado a declarar à Audiência Nacional por uns comentários na rede social 'twitter' nos que supostamente estaria cometendo delitos de "enaltecimento do terrorismo" e "humilhaçom às vítimas". A Fiscalia solicita dous anos de prisom enquanto o advogado pede a suspensom do processo.

PARLAMENTO EUROPEU REJEITA LEI DE SEMENTES

Com 650 votos em contra e só 15 a favor, o Parlamento Europeu botou abaixo a proposta de regulamento para a produçom e comercializaçom de sementes da Comissom Europeia. Segundo denunciara o SLG, esta proposta permitiria "servir em bandeja" o património genético de Europa às grandes multinacionais do setor.

O prédio do antigo concelho de Ordes exibe umha faixa contra a suba do cánone de Sogama

Concelhos rebelam-se contra o modelo Sogama e procuram alternativas

QUASE UM CENTENAR DE ALCALDES MOSTRÁROM O SEU REJEITAMENTO

NGZ / A iminente suba do cánone a pagar por parte dos concelhos à Sogama polo tratamento do lixo está a acelerar o debate sobre este modelo de gestom dos rebotalhos em várias localidades. Assim, perto dum centenar de alcaldias já mostrárom o rejeitamento à nova suba e anunciaram mobilizaçons, açons judiciais contra esta medida e a negativa a pagar essa suba. O passo mais firme nesta luita realizou-no o concelho de Rianjo, este aprovou num pleno municipal a sua integraçom no sistema de tratamento de resíduos de Lousame, pertencente à Mancomunidade do Barbança, baseado na compostagem e que conta com melhores dados de aproveitamento, como se expugera no NOVAS DA GALIZA nº132.

O interesse polas alternativas ao modelo de incineraçom próprio da Sogama está a agromar. Segundo informou o coletivo ecologista Adega, regedores da comarca do Deça visitárom as instalaçons de Lousame, os quais se mostrárom interessados polo desenvolvimento da compostagem e também polos posto de trabalho que criaria umha instalaçom deste tipo. Também, segundo publicou o jornal digital Praza Pública, a Mancomunidade do Salnês está a valorar umha aposta por um modelo similar ao do Barbança. Aliás, o concelho de Sam Sadurninho convocou umha jornada de debate sobre alternativas à incineraçom de resíduos em que se estudárom experiências de valorizaçom e reciclagem em diversas partes do Estado.

A suba do cánone de Sogama prevê-se que seja de um 34%, passando os concelhos a pagar mais de 80 euros por tonelada de lixo, umha quantidade que afogaria mais ainda a economia das entidades locais ou obrigaria a umha suba de impostos. O incremento na taxa de Sogama produz-se depois de a incineradora visse reduzidos os seus ingressos trás a eliminaçom das primas às renováveis.

Sárria reclama canalizaçom integral para os seus rios

NGZ / Vizinhas e vizinhos da localidade de Sárria, organizadas na Plataforma Sarriana polo Rio, conseguírom paralisar parte das obras de canalizaçom do rio Sárria, às que se oponhem por nom respeitarem o património natural da vila e por considerar que nom oferecem soluçons às inundaçons que nas últimas décadas vem padecendo esta localidade.

Da Plataforma critica-se que a vizinhança nom fosse informada deste projeto, o qual nom estivo exposto publicamente na localidade. Assim, as obras que se tentam acometer na atualidade partiriam dum plano de canalizaçom desenhado pola Confederaçom Hidrográfica Minho-Sil quando estava à sua fronte Francisco Fernández Liñares, político do PSOE imputado na operaçom Pokémon. Este plano fora rejeitado no concelho de Sárria quando o PP estava na oposiçom, mas ao chegar ao poder local este partido decidiu promovê-lo introduzindo algumhas modificaçons.

Do que fora desenhado como um plano integral de canalizaçom dividido em três fases e que afetaria os rios Sárria e Celeiro, apenas se desenvolve a primeira fase duns 300 metros no rio Sária. Ante isto, a Plataforma critica que se esteja a fazer um forte gasto de dinheiro público numha das zonas que menos sofre das inundaçons, ficando as intervençons nos trechos mais sensíveis para um futuro nada prometedor pola falta de crédito. Também denunciam o caráter eleitoralista destas obras, pois teriam previsto o seu remate em maio de 2015, perto das convocatórias de eleiçons municipais. É por isto que a vizinhança reclama o desenvolvimento dum plano de canalizaçom integral que solucione os problemas de inundaçons e respeite o património natural e cultural da vila, nom apenas umha intervençom ornamental.

Acampamento na ilha

Desde o 24 de Fevereiro, dia em que se tinha previsto iniciar a tala dumhas 170 árvores do monte de Ribeira situado na zona afetada, um grupo de pessoas permanece acampado numha das ilhas do rio Sárria, após conseguir parar a tala encadeando-se e permanecendo perto das árvores. Além disso, umha das mostras do desleixo com o que age a administraçom local nesta zona é que fôrom as próprias pessoas acampadas quem retiraram um tronco que levava semanas caído no meio do rio. Numha recente juntança com o Concelho e Confederaçom Hidrográfica, a Plataforma recebeu desta última entidade o compromisso de estudar as suas propostas, enquanto o coletivo vizinhar permitiria as obras nos pontos fora dos espaços em conflito.

Preenche este impresso com os teus dados pessoais e envia-o a **NOVAS DA GALIZA, Apartado 39 (CP 15.701) de Compostela**

Nome e Apelidos ____ Tel. ____
Endereço ____ C.P. ____
Localidade ____ E.mail ____
☐ NºConta ____
☐ Junto cheque polo importe à ordem da A.C. Minho Media

ASSINATURA

☐ Subscriçom + livro = 35 €
☐ Subscriçom anual = 24 €
☐ Subscriçom + pack bilharda = 30 €
☐ Subscriçom + duplo pack bilharda = 35 €
☐ Assinante Colaborador/a = ____ €

DETENÇONS POR UM BOICOTE À CONSELHEIRA DE SANIDADE

Dous trabalhadores da sanidade de Ferrol fôrom detidos no passado dia 27 de fevereiro durante um escracho à conselheira Rocio Mosquera, que acudira a umha reuniom no Hospital Arquiteto Marcide. A defesa dos detidos assegurou que "com toda a probabilidade" vam receber umha sançom administrativa por participarem do boicote.

PIQUE-NIQUE CONTRA PRIVATIZAÇOM DE PARQUE COMPOSTELANO

As vizinhas da rua compostelana de Galeras organizárom umha merenda reivindicativo contra o plano do Concelho para privatizar parte do parque público e construír umha nova rampa de entrada ao aparcadoiro privado dessa zona. As obras também deixariam a vizinhança sem paradas de autocarro nem espaço para contentores de lixo.

Denegado definitivamente o projeto mineiro em Corcoesto

COLETIVOS CONTRA A MINERAÇOM CONTINUARÁM VIGIANTES

Imagem da multitudinária mobilizaçom contra as minas em Compostela

GALIZACONTRAINFO

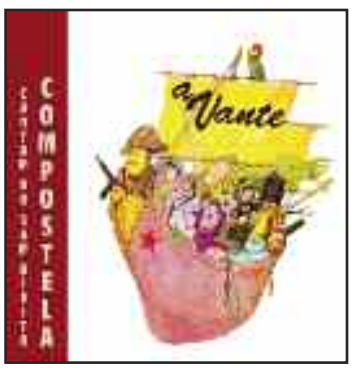
NGZ / A Junta da Galiza vém de denegar de forma definitiva a concessom para a exploraçom mineira que a empresa Edgewater pensava realizar em Corcoesto. Deste modo, umha carta assinada polo diretor geral de energia e minas, Ángel Bernardo Tahoces, expom a falta de aprovaçom administrativa para o projeto de mina de ouro a céu aberto de Corcoesto, a qual afetava aos concelhos de Cabana de Bergantinhos, Coristanco e Ponte-cesso. Esta resoluçom chega depois de umha forte mobilizaçom social que tivo a sua cimeira na manifestaçom celebrada em Compostela a 2 de junho, quando milheiros de pessoas saíram à rua para mostrar o seu compromisso com a defesa da terra.

Após ter conhecimento do escrito de Tahoces, a Plataforma pola Defesa de Corcoesto e Bergantinhos emitiu um comunicado de imprensa em que expunha que "o projeto promovido pola mineira canadiana nom cumpria com os requisitos ténicos, económicos e ambientais exigidos pola normativa espanhola e europeia ainda depois de obter umha declaraçom de impato ambiental do governo galego". Assim, a Plataforma agradece a todas as pessoas e coletivos o seu apoio à luita contra as minas e indica que "se manterá vigiante ante qualquer umha ameaça de outros projetos mineiros que podam apresentar-se na zona afetada".

Jornadas de resistência na okupa corunhesa do bairro de Palavea

NGZ / A assembleia do Centro Social Okupado Palavea, na cidade da Corunha, vem de fazer pública a iminência do seu despejo. Assim, informa-se de que "a vindoura segunda-feira 17 de março, a partir das 12 horas, a polícia nacional poderá despejar este espaço liberado" e faise um chamamento "aos rebeldes e solidários a virdes a resistir connosco contra os envites do capitalismo depredador".

Durante os fins de semana do mês de março, o CSO Palavea acolheu diversas atividades emarcadas numhas Jornadas de Resistência, convocadas após conhecer que a Audiência Provincial denegara o recurso apresentado contra o despejo. Estas jornadas contárom com concertos, debates, palestras em que participárom coletivos sociais, assim como atividades lúdicas e jogos de resistência.



CRÓNICA GRÁFICA

Marinheiros do cerco exprimírom a sua raiva ante o Parlamento galego, antes de umha brutal carga policial polas ruas de Compostela / GALIZACONTRAINFO

Vizinhança de Sárria acampou à beira do rio Sária em resposta às obras de canalizaçom que atentam contra o património natural e nom dam soluçom às inundaçons que padece a vila / PLATAFORMA SARRIANA POLO RIO

'Pikachus', nome que recebe a subtrama da Operaçom Pokémon centrada na Corunha, protestárom contra o gasto milionário do Concelho da Corunha nas obras de parques de estacionamento e túneis na zona da Marinha / GALIZACONTRAINFO

Centos de pessoas saírom às ruas para comemorar o dia da classe operária galega convocadas polos sindicatos galegos. Na imagem, mobilizaçom da CIG em Vigo / GALIZACIG

Concentraçons no Gadis de Vigo denunciárom os numerosos despedimentos que esta cadeia está a acometer por todo o país / GALIZACIG

Trabalhadoras e trabalhadores do Hospital da Costa, em Burela, concentrárom-se em defesa da sanidade pública ante a direçom do centro / PLATAFORMA SANIDADE A MARINHA

MAR

O cerco safa da trampa de Junta e Ministério

O que começou como um problema de quotas derivou numha crise que tem contra a parede à própria conselheira do Mar

A.DIESTE / Começou como um problema grave mas com soluçom relativamente fácil. A finais de 2013 a proposta de reparto de quotas para sarda e xurelo apresentada polo Ministério de Pesca caiu como unha bomba na frota galega (156 barcos, 1.500 marinheiros). Mas nom só nela. Também na asturiana. O motivo? Que entendiam que eram prejudicadas e marginadas no reparto em comparaçom com a basca. Um exemplo disso é que tam só no porto de Getaria (Gipuzkoa) os seus 16 barcos tinham umha quota que equivalia ao 70% de toda Galiza.

Foi entom quando a frota galega começou a se mover e a pedir à Junta que pressionasse a Madrid para mudar esse reparto. Mas a Junta fixo ouvidos surdos e nem se reuniu com o setor. As semanas iam passando, os barcos seguiam amarrados e o malestar aumentava até que estourou nas manifestaçon contundentes de Vigo, A Corunha e, sobretudo, Compostela. Foi entom quando a Conselharia quixo manobrar. Ciente do que se jogava ofereceu um princípio de acordo que pretendia dividir o setor. Mas fracasou. Uns 121 armadores dos 156 que há na Galiza renegárom desse acordo e exigen à conselheira do Mar que vaia com a delegaçom do cerco de Galiza a Madrid para defender a postura do setor perante o Ministério e que se retire a proposta inicial.

Apoios

O setor do cerco tem o apoio da oposiçom política, coletivos vizinhais dos seus portos e dos sindicatos. CIG-Mar, denunciou esta semana que o atual sistema de reparto para a flota galega é um prejuízo do qual, aponta, o único culpavel é a Junta do PP "porque nom soubo defender os interesses do setor".

O sindicato nacionalista assinala que o reparto para este ano, que gera o rechaço do setor galego, fixo-se em base ao histórico de 2002 a 2011, "obviando todo o período anterior". Isto supuxo que os 154 barcos da frota galega lograssem 1900 toneladas (24% da quota), frente às 1900 dos 44 barcos cántabros (24%) e ás 3800 toneladas (48%) que lhe correspondêrom aos bascos a pesar de que contam unicamente com 70 barcos".

Xavier Aboi, sindicalista de CIG-Mar, criticou o anúncio feito ontem pola conselheira do Mar no sentido de que a frota galega ia contar com 1450 toneladas mais em virtude dum novo acordo entre a UE, Noruega e as Ilhas Feroe. "O que nom dim é que este novo reparto volve aumentar as diferenças, porque os cántabros recebem também 1450 novas toneladas e os bascos outras 3000. O desequilíbrio é tam evidente que o porto de Getaria, com 16 barcos, tem o 70% de toda a quota que lhe corresponde a Galiza".

Fronte a isto, apostou por um novo reparto baseado em critérios sociais como o número de tripulantes e demandou do Governo galego um plano de gestom da sardinha (unha das espécies que captura o cerco, junto á sarda, o xurelo e o bocarte).

AGRO

Feiraco, Leite Rio e Leite Celta entre as empresas investigadas

Juntança de organizaçons agrárias, conselharia e indústrias para negociar saída à crise leiteira

'Competência' investiga a indústria leiteira na Galiza por atuarem como cartel

SLG considera as sançons económicas ineficazes contra as "práticas mafiosas"

P.V. / A Comissom Nacional de Mercados e Competência (CNMC) abriu em expediente sancionador contra Feiraco, Leite Rio e Leite Celta, entre outras empresas e operadoras estatais, por supostos "intercámbios de informaçom e/ou acordos para o reparto de mercado e fixaçom de condiçons comerciais no mercado de aprovisionamento de leite de vaca cru". Deste modo, Competência inicia umha investigaçom sobre estas suspeitas, sem que polo de agora se estabeleçam sançons económicas a essas empresas.

Ante esta notícia, o Sindicato Labrego Galego (SLG) exprimiu publicamente as suas desconfianças de cara a que Competência consiga erradicar as "práticas mafiosas", e salienta que a CNMC sempre torpedeou qualquer soluçom política a estes problemas. "Assim o fai sempre que, nas mesas do leite ou na Interprofissional Láctea, se negócia para atingir preços justos no setor", expóm o SLG; "ou assim o fixo ao impedir que a Lei da Cadeia Alimentária proibira vender por baixo dos custes de produçom". Assim, o SLG pensa que as práticas fraudulentas apenas se poderiam solucionar com a reforma da Lei da Cadeia Alimentária e nom com a imposiçom de multas às industrias, pois "poderia rematar repercutindo negativamente nas exploraçons, pois as empresas afetadas poderiam pensar em baixar o preço do leite para compensar as sançons nos seus livros de contabilidade".

> Vários coletivos denunciárom as práticas ilegais

Por outra banda, este coletivo também critica que no expediente sancionador da CNMC se deixe fora às cadeias distribuidoras. "As grandes cadeias de supermercados, com práticas que deveriam ser ilegais, como a venda de leite a perdas como reclamo, tenhem boa parte da responsabilidade dos preços de miséria que as industrias pagam às exploraçons", expóm o sindicato.

Assim, o SLG lembra que se levam décadas a denunciar as práticas ilegais na indústria leiteira, nom só por este coletivo mas também por entidades oficiais como os conselhos da competência de Galiza e Catalunya, o Grupo de Alto Nível para a elaboraçom do pacote lácteo da Uniom Europeia ou o Conselho Económico e Social Europeu. "Que a CNMC amplie o expediente sancionador às indústrias lácteas justo agora, na véspera dumhas eleiçons europeias em que o mais provável candidato do Partido Popular seja o atual ministro de Agricultura, Miguel Arias Cañete, semelha um lavado de cara de quem levam toda a vida permitindo a extorsom empresarial no setor leiteiro e, no mínimo, é umha decisom suspeitosa", assinala o SLG.

ECONOMIA

Se todo o que começa acaba, a própria dinámica cíclica deveria também alcançar um final

A falácia da recuperaçom económica

OS ELEMENTOS CARATERÍSTICOS DA CRISE MANTENHEM-SE COMPLETAMENTE VIGENTES

JÚLIO TEIXEIRO / A presente fase da retórica oficial, em relaçom com a crise, vem caraterizada polo seu termo mais recorrente: *recuperaçom*. Na realidade, a repetiçom goebbeliana dessa suposta constataçom, constitui hoje a peça chave para a auto-perceçom social gerada desde categorias capitalistas. Como parte dessa auto-perceçom, no pensamento económico que se divulga nos principais meios (e, nisto, tanto tem que sejam de tendência neoliberal ou socialdemocrata), consolidou-se, já nom lembramos desde quando, o paradigma cíclico como parte da descriçom do que se considera "a economia". Deste ponto de vista, a dinámica económica compom-se de ciclos, nos que se sucedem períodos expansivos e períodos recessivos ou crises. Depois de cada crise chega um novo período expansivo e, como tudo o que começa tem que acabar, a presente crise necessariamente também haverá de passar. Mas, quando colocamos criticamente o foco sobre os elementos mais reconhecíveis da crise, apercebemo-nos de que os factos nom se correspondem com essa pretendida *recuperaçom*.

Por exemplo, em 2008, a crise manifestou-se perante a consciência socialmente dominante como o estouro dumha enorme bolha financeira. O capitalismo, no entanto, havia décadas que sobrevivia conectado ao pulmom artificial do crédito que lhe fornecia umha economia baseada, precisamente, nas bolhas financeiras. As razons que mantinham o sistema produtivo, e a práxis social, nessa situaçom som as que, também, explicam a crise: dificuldades para a valorizaçom do capital, desvalorizaçom da força de trabalho, ou hipertrofia do endividamento tanto público quanto privado. Vejamos se mudárom essas razons durantes estes anos, ou seguem a ser as condiçons determinantes da atual conjuntura.

1. Dificuldades para a valorizaçom do capital. O valor das mercadorias envolve capital constante e capital variável. Isto é, por um lado, capital materializado nos bens de produçom (máquinas, matérias primas, energia...), que apenas transmite valor sem produzi-lo; e, polo outro, capital investido no pagamento da força de trabalho, que é a única parte de capital com capacidade para produzir novo valor. A causa profunda desta, e de todas as crises, origina se por imperativo da lei do valor, e de como se cumpre nos mecanismos da concorrência: os recursos destinados a bens de produçom ham de ser incrementados sem cessar, para favorecer a competitividade, com a correspondente diminuiçom da capacidade valorizadora do capital. A este respeito, os dados do Produto Bruto Mundial (PBM), vêm a confirmar, com a sua tendência descendente, que estas dificuldades do capital para se revalorizar estám ainda presentes na conjuntura atual. De facto, desde 2010, as taxas de crescimento do PBM nom deixárom de se reduzir (4% em 2010, 2,8% em 2011, 2,4% em 2012 e 2,1% em 2013).

> O Produto Bruto Mundial nom deixou de cair desde 2010
>
> A criaçom de dinheiro sem valor permite sobreviver o sistema

2. Desvalorizaçom da força de trabalho, decorrente da reestruturaçom do capital no valor das mercadorias. Polo que levamos dito, o valor do trabalho diminui em relaçom ao conjunto da riqueza material que produz e, por consequência, umha parte crescente da força de trabalho disponível torna-se supérflua e, a outra, fica submetida a umha progressiva precarizaçom. A procura de mais valor absoluto (trabalhar mais tempo ou por menos dinheiro) substitui regressivamente, na lógica capitalista, à anteriormente incontornável imposiçom do mais valor relativo (produzir mais com o mesmo trabalho). Sabemos, porém, que o único crescimento económico relevante, em termos capitalistas, seria o que conseguisse reabsorver e revalorizar força de trabalho, como já tem acontecido na superaçom das fases recessivas em ciclos precedentes. Longe disso, o que acontece é justamente o contrário, e fazemos nossa a afirmaçom dumha fonte tam pouco suspeita de catastrofismo como som as Naçons Unidas, quando dizem, no seu relatório *Situaçom e Perspetivas da Economia Mundial 2014*, "a situaçom do emprego a nível global segue a ser negativa".

3. Hipertrofia do endividamento público e privado. Se calhar nom todas, mas muitas das vozes que agora falam em "recuperaçom", já proclamárom antes de 2008 as bondades da economia das bolhas. E as aparências macroeconómicas pareciam darlhes a razom: á magia do crédito, que permite viajar no tempo e dispor no presente dos rendimentos do trabalho futuro, estimulava o consumo e viabilizava qualquer projeto empresarial, fazendo o prodígio de manter em pé a economia a despeito da lei do valor. O capital valorizava se embora a contínua modernizaçom e racionalizaçom dos processos produtivos , os salários medravam ao mesmo tempo que o desemprego se estabilizava ou diminuía –embora o trabalho supugesse umha parte cada vez mais pequena do valor das mercadorias-; e, como a cereija no topo deste mágico bolo creditício, os baixos juros e a alavancagem conseguiam que fosse mais rentável investir o emprestado do que reinvestir os lucros anteriores. Furada a bolha financeira, a pregunta é: se a valorizaçom do capital é ruim, e a mercantilizaçom do trabalho nom chega para alimentar o consumo, como sobrevive o sistema? Pois graças aos bancos centrais e aos seus diversos programas de fabricaçom de dinheiro sem valor: para a expansom monetária, para as injeçons de liquidez nos sistemas bancários, para resgatar os estados, ou para a compra de bónus nos mercados de dívida.

Certamente, todo o que começa acaba. Mas, entom, a própria dinámica cíclica deveria também alcançar um final. O razoamento que leva a "necessidade metafísica" da recuperaçom é falacioso, pois oculta-se esta ultima implicaçom. Por isso é tam importante, para os que vivem dessa falácia, encontrar sinais de que um novo ciclo está a começar, para renovar a fé na eterna renovaçom do capitalismo. Contudo, a conclusom do que acabamos de expor é que, o que agora vivemos, nom é o final da crise; antes é o tránsito dumha "bolha financeira" para umha "bolha do dinheiro sem valor". Mais um passo no decurso capitalista, em espiral, pola economia das bolhas.

A TERRA TREME

Existem assembleias cidadás ou 'plenum' ativas em várias cidades

MOBILIZAÇONS EVIDENCIAM O FRACASSO DO MODELO ADMINISTRATIVO DOS ACORDOS DE DAYTON

Bósnia e Herzegovina: reconstruçom popular medra por cima das fendas históricas

Em fevereiro o povo da Bósnia e Herzegovina estourou. As mobilizaçons que iniciaram um grupo de pessoas na cidade de Tuzla, inserida na Federaçom bosniaca-croata, afetadas pola privatizaçom e os despedimentos em várias empresas do cantom espalhárom-se polo país. Nos primeiros dias de protestos a raiva popular focou-se contra os prédios governativos. Após as chamas, várias assembleias populares, ou 'plenum', medrárom em várias cidades para exigir às administraçons o cumprimento das suas reivindicaçons.

Corruçom política e pobreza nas classes populares som causas do estourido

Vários prédios governativos foram atacados nos protestos

Prédio do governo cantonal de Tuzla foi objeto da raiva das mobilizaçons populares

A.L. / Ouvir o nome da Bósnia e Herzegovina ainda ergue os ecos da terrível guerra vivida há vinte anos e a qual conformou a sua atual estrutura administrativa após a assinatura dos Acordos de Dayton. Os protestos que começárom em fevereiro, em que participárom assembleias integrantes das três nacionalidades que componhem o país, salientam o fracasso do modelo nascido desse tratado para a reconstruçom da Bósnia.

O jovem croata Ivica Jandric, residente na cidade de Vitez e que simpatiza com as mobilizaçons, expom um claro descontentamento com o papel desempenhado pola classe política neste processo di que "a privatizaçom, a transiçom... todo foi feito polos políticos que começárom a guerra". "Infelizmente, os políticos de cada naçom aproveitárom a situaçom para roubar dinheiro e ocupar-se dos seus negócios", acrescenta Jandric, quem salienta que aconteceu também "o fenómeno da gente que aqui chamamos *ratni profiteri* (oportunistas da guerra), que som os que roubaram durante a guerra, investírom e comerciárom durante toda a guerra e agora tinham as suas empresas". Daí, as profundas feridas sem cicatrizar dum passado recente, a corruçom política e as duríssimas condiçons económicas em que vivem as classes populares (com 48% de pessoas desempregadas e um salário médio de 420 euros mensais) provocárom o estourido da raiva.

A estrutura de Dayton

Após os acordos de Dayton em 1995, a Bósnia e Herzegovina ficou definida como um estado federal integrado por duas entidades com governos próprios: a Federaçom da Bósnia e Herzegovina, com umha populaçom maioritariamente croata e bosníaca, e a República Sérvia (ou Srpska), a qual se compom dos territórios em que os servobósnios se adentraram durante a sanguenta guerra dos anos 90. Ambas as entidades estám divididas em diversos cantons que contam também com um governo próprio.

Segundo esses acordos, o poder central no estado federal é composto por umha presidência, um governo, um parlamento e um tribunal constitucional. A presidência é de carater colegial e está formada por três indivíduos das diferentes nacionalidades da Bósnia (bosníaca, croata e sérvia), que se revezam à cabeça desta instituiçom. Por cima deste governo central está a figura do Alto Representante para a Bósnia, o qual tem o mandato de fazer cumprir os acordos e pode impor decisons vinculativas ou mesmo revogar cargos eleitos na Bósnia.

Os protestos polo JMBG

Muitos meios salientárom que nestas mobilizaçons, especialmente vigorosas na federaçom bosniaca-croata e mais fracas na república Srpska, participaram conjuntamente pessoas das três nacionalidades que componhem o país, marcando assim um conflito de classe. Mas esta nom foi a primeira vez que se deixaram de lado as diferenças étnicas para reclamar melhoras sociais. Com efeito, no passado verao tivo lugar em Sarajevo umha ampla mobilizaçom popular, depois de o governos deixar de emitir o número único de identificaçom cidadám (JMBG). Isso provocou que as crianças nascidas desde o mês de fevereiro do ano passado nom fossem registadas civilmente. Os protestos estouraram quando se soubo que, por causa disso, crianças de poucos meses nom podiam sair do país para receberem tratamentos médicos. Milhares de pessoas rodearam o parlamento bósnio para exigir umha soluçom e obrigárom o governo a arranjar umha situaçom causada polo incumprimento dos prazos marcados polo Tribunal Constitucional para a atualizaçom dos requisitos.

O estourido de fevereiro

Em começos de fevereiro deste ano a populaçom de Tuzla começou a mobilizar-se. A privatizaçom de várias empresas estatais com centenas de pessoas empregadas foi umha das faíscas. Assim, no dia 4 de fevereiro centos de manifestantes tomárom as ruas da cidade de Tuzla, pedindo a demissom do governo local, a anulaçom das privatizaçons e o pagamento de pensons atrasadas. Nos dias seguintes já eram milheiros as pessoas que se concentravam diante do governo do cantom e os protestos se espalharam a cidades como Sarajevo ou Mostar. Ivica Jandric explica que "os trabalhadores queriam falar com o primeiro-ministro ou com alguém do governo do cantom, mas o único que receberam foi a notícia de que todo o governo deixaram o edifício, o que provocou que este fosse apedrejado. No dia seguinte, quase todas as cidades grandes da Bósnia saírom para a rua apoiando a gente de Tuzla, resultando na lapidaçom dos edifícios estatais, cantonais, municipais, acabando alguns deles em chamas". Assim, em 7 de fevereiro milhares de pessoas tomárom por assalto a sede do governo cantonal de Tuzla e incendiárom-no. O mesmo aconteceu em cidades como Zenica, Mostar e Sarajevo. Nesses dias, tornou-se pública também a Declaraçom dos Trabalhadores e Cidadaos do Cantom de Tuzla, em que se exprimiam as suas reivindicaçons, algumha das quais consistiam a criaçom dum governo técnico no cantom, na devoluçom das fábricas aos trabalhadores ou a equiparaçom dos salários dos representantes políticos ao dos trabalhadores.

Os meios de comunicaçom internacionais recolhêrom estes dias de raiva, mas nom as suas consqüências: por umha parte, a repressom e as detençons que realizárom forças de segurança, com o conseqüente linchamento mediático das pessoas que participaram dos protestos qualificando-os de 'hooligans', e por outra parte, a criaçom de assembleias populares, ou 'plenum', em diversas cidades do país que continuam a luita iniciada em fevereiro. "As assembleias procuram situar os seus representantes no governo local, especialmente nas cidades onde os primeiros ministros se demitírom", explica Jandric. "As assembleias funcionam com um sistema muito simples: ergue-se a mao e tens dous minutos para falar", indica.

Estas mobilizaçons populares estám fortemente assentes na federaçom bosníaca-croata, enquanto na Srpska apenas houve protestos no cantom da Banja-Luka. Jandric pensa que isto se deve ao forte sentimento nacionalista que impera na república sérvia, o que dificulta a criaçom dum movimento antigovernamental. Porém, os movimentos populares nascidos nas últimas semanas procuram transcender as diferentes nacionalidades e combater o empobrecimento que está a medrar na Bósnia e Herzegovina.

ALÉM MINHO

Se bem nom se marcárom prazos, o Governo elaborará um informe anual detalhando os avanços realizados

Todo o Parlamento aposta no português

A NOVA LEI MARCA OBJETIVOS DIFÍCEIS DE DESPREZAR PARA QUALQUER PESSOA PREOCUPADA POLA LÍNGUA

O povo galego tem, desde o dia 11 deste mês, um novo consenso em que reconhecer-se, um renovado alicerce para a sua identidade. O seu Parlamento votou a favor da Lei de aproveitamento da língua portuguesa e vínculos com a Lusofonia, com umha unanimidade tal que se tivéssemos que referir algumha discrepáncia, seria apenas o facto de a Lei ter ficado aquém do que desejavam alguns partidos do hemiciclo, nomeadamente em relaçom aos prazos em que esta vai ser aplicada. Partido Popular e PSOE, no entanto, coincidírom com a Comissom Promotora da ILP em que "nom por ir mais depressa se chega mais longe" e valorizárom sobretodo o facto de que no texto final figure um artigo que obriga o governo a "realizar anualmente um relatório [para o Parlamento] em que se farám constar, de forma pormenorizada, as açons levadas a cabo, o seu custo e as previsons que efetua para o exercício seguinte".

EDUARDO MARAGOTO / No texto inicial, passado a trámite em março do ano passado, mencionava-se um prazo de quatro anos para a implantaçom do português em todos os níveis do ensino e referia-se o reconhecimento do português como mérito na funçom pública, objetivos que o PP considerava, polas palavras do seu porta-voz Agustín Baamonde, "inviáveis" com a atual situaçom económica. Na redaçom final nom se estabelece nengum prazo. Em contrapartida, o seu partido compromete-se à incorporaçom progressiva do português no ensino, assessorado pola Comissom Promotora da ILP, com a qual dixo haver um diálogo leal, e defendeu que esta lei, ao contrário de outras mais altissonantes, era mais "eficaz". Para defender isto, assegurou que tinha havido comunicaçom constante com o governo galego para pulsar as possibilidades reais de aplicaçom da mesma. Para além dos aspetos técnicos, Baamonde defendeu a conexom da Iniciativa com a sociedade galega e, sem esquecer a questom económica, usou argumentos fundamentalmente culturais para colocar o galego "numha via de Universalidade".

Por sua vez, Ana Pontom, do BNG, que nom realizou emendas à Lei por considerá-la muito positiva no sentido de "ampliar as relaçons com a Lusofonia para fortalecer o galego", nom deixou de lamentar o facto de ter sido retirado o prazo de quatro anos e prometeu "ser exigente e vigilante" para que a iniciativa nom fique em águas de bacalhau.

A seguir, Jesús Ron, da AGE, criticou a pouca margem que tiveram as forças políticas da oposiçom para trabalhar sobre ele, ainda que nom deixasse de valorizar positivamente o novo texto legal, que também recolhe a proposta desta força política no sentido de admitir a reciprocidade das trocas culturais e audiovisuais.

O discurso mais emotivo correspondeu ao socialista Francisco Caamanho, que releu um texto da Geraçom Nós para salientar a importáncia histórica do dia que estava a transcorrer: "as fronteiras nom existem quando há umha cultura comum", afirmou. Em relaçom ao texto definitivo, Caamanho destacou o contributo do seu partido para a redaçom final do texto, umha vez foi por umha proposta do Partido Socialista que a lei vai ser avaliada anualmente polo Parlamento e que vai ter um regulamento de aplicaçom.

A lei deve agora implementar-se através de decretos, que poderám estar mui próximos a chegar e algumha medida já poderia ser tomada no próximo ano letivo, a julgar pola agilidade com que foi tramitada. De qualquer modo, mesmo que nom fosse aplicada imediatamente, a nova lei marca objetivos difíceis de desprezar para qualquer pessoa preocupada pola língua, como "valorizar o galego como umha língua com utilidade internacional" ou "que empresas e instituiçons aproveitem a nossa vantagem lingüística". Tendo em conta estes avanços, um compromisso orçamentário ou de prazos limitados podia ter comprometido a convicçom com que foi assumida polas forças políticas que estám ou virám a estar no poder e o principal valor com que conta a iniciativa é sem dúvida a rotunda unanimidade com que passou, algo que a Comissom Promotora nom queria arriscar.

Membros da comissom promotora da ILP na escalinata de Bonaval em Compostela

O MAIS IMPORTANTE DA LEI DE APROVEITAMENTO DO PORTUGUÊS

Artigo 2	Incorporará progressivamente a aprendizagem do português nos centros de ensino.
Artigo 3	Relaçons com a Lusofonia som estratégicas.
Artigo 4	Favorecer troca audiovisual entre a Galiza e Portugal.
Artigo 5	Relatório de verificaçom de cumprimento da lei.

POVOS

Conclusom do percurso polas culturas do subcontinente indostánico

Crebas várias no Indostám. Pontos de encontro? (e III)

JOSÉ A. 'MUROS' / No Indostám além dos distintos povos, étnias e comunidades com línguas e costumes vários que o conformam, sejam estas anissasi (aborígenes) ou aderentes a umha das civilizaçons dominantes (hindu, indo-musulmans etc) trasversalizadas polos estados-naçom herdeiros da comum e imposta civilizaçom ocidental, há comunidades, povos, grupos que polo seu caráter intermédio entre estas, com rasgos particularizantes e ao mesmo tempo de ponte-fratura, é bom citá-las neste último percurso por este subcontinente:

Indi-urdu, ou as construçons dos fundamentalismos

O Urdo, ou Indi, é um grande idioma do Centro-Norte do Indostám que falam nas duas versons (urdu ou indí) 500 milhons de pessoas. Deriva do Sánscrito, o latim da antiga Índia que deu ao mundo majestosas epopeias. Esta língua transversalizou-se depois de substituir o Sánscrito como idioma dominante do Centro da Índia nas distintas etapas, nas esplendorosas épocas da civilizaçom muçulmana e as suas influências provenientes de Pérsia e Arábia, nas

> O Urdo, ou Indi, é um idioma com 500 milhons de falantes

épocas do Império Britânico e o surgimento dum nacionalismo de base popular que olhava a Antiga Índia e que construiu outra norma com incorporaçom de antigos étimos e neologismos derivados com raiz nesse passado e com o alfabeto do Sánscrito, o Devanagari. O Urdu mantivo-se fiel às influências persas e árabes, as palavras patrimoniais herdadas destes ao alfabeto arábigo. Os fundamentalistas islámicos e hinduístas querem basear as identidades em base a umha dicotomia que nega os restantes povos, naçons e comunidades que aliás, expulsam, eliminam ou marginam os que nom seguem a norma (a marginaçom das comunidades muçulmanas na Índia com 186 milhons de habitantes como o de todos os exemplos que se expugérom nos últimos artigos de povos Veje). O Cinema de Bollywood demonstrou que o que se sospeitava era certo e os falantes de Urdo/indi, de berce ou nom, mostram-se como na música abarcadores do suposto inimigo. No centro da Índia, em Karachi, a música indi escoita-se em todo o Indostám. As redes de internet excepto artistas fundamentalistas. O vocabulário de origem persa e árabe, o que provem da antiguedade sánscrita, é patrimonio de todos os falantes e utentes. E, porque nom, também os dous ou mesmo três albafetos, e mesmo umha história comum até na sua particularidade.

MEDIA

Um deputado do PP afirmava que “a CRTVG é o meio de comunicaçom da Junta”

NOTAS DE RODAPÉ

Núñez Feijóo fai chistes de amigo ao banqueiro Juan Carlos Escotet

O presidente dum país em vigília pola burla dos seus aforros, está na obriga de medir a que banqueiro lhe poncha a barriga. Feijóo foge dos fraudados e amaldiçoa dos seus protestos.

Escotet é o comprador do banco autor do roubo e os burlados nom se fiam das suas promessas. Nom é estranho depois de tanto engano.

O amigo de Feijóo está metido num novo problema: ao romper relaçons com o Panamá, a Venezuela limita a mínimos as quantidades que os bancos podem girar ao paraíso fiscal da Zona do Canal.

Escotet tem banco na Venezuela, no Panamá e na República Dominicana. A garantia reconhecida polo FROB para a compra das caixas galegas intervindas foram o seu banco dominicano (duodécimo do país) e o de Panamá (sexto do paraíso fiscal).

Outros bancos do Estado derrotados polo banqueiro Escotet na poja polas caixas, nom calárom as suas dúvidas sobre a garantia dos bancos dominicano e panamense de importância muito menor que o primeiro sistema de crédito da Galiza.

Mesmo proclamárom em público que o crédito para pagar o preço de saldo fixado polo FROB para o candidato de Feijóo (antes de 2018) poderia sair da Novagalicia Banco. Linda operaçom!

Setembro de 2011, Feijóo visitara Panamá "para oferecer oportunidades de negócio no sector financeiro espanhol e também nas lácteas galegas".

Que escala de valor aplica o presidente da Xunta aos candidatos a governarem o seu banco principal? A secçom de Narcóticos do Departamento de Estado norte-americano reserva desde 2009 para os bancos do Panamá a implicaçom máxima no lavado de dinheiro da droga.

Na ficha de o atual representante da Autonomia figura bloquear o controle democrático dos contratos da Junta com Marcial Dorado, seu anfitriom no Mar de Arouça. Dorado era do clam de Sito Miñanco, benfeitor da candidatura de Manuel Antonio Noriega à presidência do Panamá. Noriega fora condenado a 40 anos por comércio de narcótico. Sito Miñanco também acabou na cadeia.

Nengum meio deixou de celebrar o chiste de Núñez Feijóo ao banqueiro Escotet na Festa do Cozido de Lalim: "No te diré que has quedado capado, pero casi".

(O presidente da Junta ironizava sobre o carater que conferia a Escotet a capa de Confrade do Cozido, nom sobre o embargo da Venezuela aos bancos do Canal, que ainda nom ocorrera)

BOMBAI

Crónica dumha rádio sequestrada

SANTI MARTÍNEZ / Sobrevivemos a um saqueio em que, como mal podemos, tratamos de defender as nossas condiçons de vida. Detetamos com facilidade o roubo nos serviços básicos, a involuçom democrática e a demoliçom de direitos sociais e laborais. Saúde pública, educaçom, proteçons sociais, atençom à dependência... Incomoda-me especialmente que dessa enfiada que recitamos mecanicamente fique excluído um direito tam fundamental e necessário como é o direito à informaçom. A mercantilizaçom do sector derrubou a própria essência do conceito. A informaçom é talvez a mais valiosa arma da política atual. A difusom da mensagem é umha necessidade básica para qualquer agente político, e o monopólio ideológico nesse ámbito é a principal explicaçom de como vai o resultado a estas alturas do jogo. Os meios de comunicaçom comerciais tenhem umha credibilidade social definitiva para estabelecer os termos do debate, som faróis capazes de guiar a 'atualidade' (nom confundir com 'realidade'). A liberdade de empresa consolidou-se por enriba da liberdade de imprensa e de expressom, e isto implica que a ideia de liberdade só pertence ao acionariado capaz de a comprar. Quanto aos meios públicos, assumimos com naturalidade que som umha ferramenta mais do governo. Há poucas semanas, um deputado do PP afirmava que “a CRTVG é o meio de comunicaçom da Junta”, no que se interpretou como um lapso que na realidade nom o é tanto.

Há múltiplos exemplos para descrever a situaçom de sequestro que vive a companhia, tanto na rádio como na televisom. Nesta última, para demostrá-lo está o exemplar blogue dos trabalhadores e trabalhadoras chamado 'Eu nom manipulo'. Na rádio, umha das amostras mais

> Manipulaçom informativa é muito mais subtil do que a simples mentira

> Na rádio pública ‘opinadores a soldo’ exponhem o relato governamental

evidentes é o programa 'A Crónica'. Passa por ser umha das referências informativas, mas umha simples escoita ativa aginha nos confirma que estamos ante um operativo de desenho dumha realidade paralela. A manipulaçom informativa nom consiste em mentir, senom que é muito mais subtil: o desenfoque, a colocaçom das notícias, os tempos, a seleçom de declaraçons, a amplificaçom duns assuntos e a miniaturizaçom doutros, a ocultaçom...

No formato faladoiro, quem escolhe os participantes e quem marca os temas é quem define o terreio de jogo. Vendem 'pluralidade' dando voz a um número mais ou menos equilibrado de adscritos a cada força política, mas é nas vozes supostamente imparciais e nom identificáveis que está o truque. Cada dia, passadas as dez da noite, mesmo antes de encetar as quendas de opiniom, do alto da posiçom superior e imparcial de editorial (numha rádio pública!), Bieito Rubido fala aos 'amigos ouvintes'. Este indivíduo é o diretor do ABC, um jornal espanhol de reconhecida linha conservadora, direitista, católica e monarquista. O feito de que a sua coluna nom se inclua no debate outorga-lhe umha posiçom elevada, fora da possibilidade de retruque, umha posiçom privilegiada por riba das outras vozes que a seguir exporám opinions sobre os assuntos que o diretor do programa lhes indica. Nom sobre os principais acontecimentos do dia, mas sobre as pancas em que se apoia o relato do PP. Cumpriria aprofundar na perversom do formato 'opiniom' e em como se desnaturaliza.

A Radio Galega, Luis Ojea e Bieito Rubido fam parte dum instrumento de difusom da mensagem do PP. Reproduzem fielmente as consignas que os gabinetes de imprensa distribuem e assentam umha narrativa sobre os eixos discursivos dos Governos da Xunta e do Estado: a suposta recuperaçom económica, o carácter incontornável das políticas executadas, a inexistência de financiamento ilegal no PP, a inexistência da corruçom como umha forma de governança, a inocência da Família Real espanhola, a radicalidade e as liortas internas da oposiçom, a ilegalidade do processo soberanista catalám, a plena vidência da luita armada da ETA, etc. Velaí os *trending topics* da Radio Galega.

Nom todo vale. A opiniom, quando nom vai alicerçada sobre a honestidade, é prostituiçom. Bieito Rubido e o seu jornal som, hoje em dia, ferramentas do aparelho de comunicaçom do Partido Popular a cambio de garantir o financiamento público para o sustento económico da empresa. A nossa rádio pública serve de plataforma na que estes 'opinadores a soldo' exponhem o relato governamental. Sem reparos, com a cara descoberta e sem dissimulaçons. A rádio pública está sequestrada, aplica as técnicas de manipulaçom informativa mais evidentes e consolida-se cada daí como um elemento fundamental para a manutençom da hegemonia eleitoral (que nom social) do PP en Galiza.

A FUNDO

A nova PAC permitirá aos proprietários de cultivos de biomassa energética ser percetores das subvençons

O conselheiro de Ence Pedro Barato Triguero acompanhado polo ministro de agricultura, Miguel Arias Cañete, e polo presidente do Governo, Mariano Rajoy; na clausura da XV Conferência da 'Asociación Agraria Jóvenes Agricultores', da que o mesmo Barato é presidente

Ence receberá ajudas europeias para agricultura graças às práticas de 'lobby'

UM CONSELHEIRO DA EMPRESA É MEMBRO DO COMITÉ CONSULTIVO DA POLÍTICA AGRÁRIA COMUM DA UE

A reforma da Política Agrária Comum (PAC) da Uniom Europeia para o sexénio 2014-2020 acaba de ser aprovada polas instituiçons comunitárias. Umha das alteraçons que introduz e que está a passar desapercebida mediaticamente é a inclusom dos cultivos energéticos de biomassa (fundamentalmente eucaliptos) entre os susceptíveis de receber subvençons, criando assim um risco para os cultivos de alimentos em toda Europa e, nomeadamente, nas naçons periféricas menos desenvolvidas. No Estado espanhol, a gram beneficiária desta alteraçom normativa vai ser a Ence, empresa líder do sector. As influências do conselheiro de Ence Pedro Barato Triguero tanto no Ministério de Agricultura espanhol como na própria Comissom Europeia evidencia a capacidade do 'lobby' florestal para modificar as políticas públicas e pô-las ao serviço das grandes empresas privadas. Agora que a reforma eléctrica e a supressom da prima às renováveis acaba de dar-lhe a volta às contas de Ence, o futuro dos cultivos energéticos de eucaliptos passa a depender destas ajudas europeias. Sem subvençons públicas, nom seriam viáveis.

RAUL RIOS / Como num tabuleiro de xadrez, os campos de eucaliptos formam quadrículas perfeitas. Separados apenas por um metro, como se dum campo de coles se tratasse, as árvores vam emergindo e formando umha artificial simetria. Aproveita-se cada centímetro de terra, procura-se a máxima eficiência. Onde antes havia bosque autóctone ou cultivos de alimentos, agora há modernas plantaçons destinadas à energia biomassa. Os cultivos passam quatro ou cinco anos a monte para que depois umha trituradora arrase com tudo e o leve às centrais energéticas. Apenas é precisa mao-de-obra, nom se gera emprego. Os eucaliptos nom necessitam labores de cuidado. Se há algum incêndio, a culpa é dos pirómanos e assunto fechado. Após quatro ou cinco colheitas, a terra fica completamente esquilmada e já nada voltará a medrar sem umha custosa operaçom de regeneraçom que ninguém assume.

> Ence tem 18.000 hectares de cultivos para biomassa
>
> Esta extensom supom um 15 por cento das terras que gere

ENCE e o negócio da biomassa

Nos últimos tempos, a exploraçom de biomassa para gerar energia foi medrando como opçom lucrativa para as empresas proprietárias de montes, em gram medida graças às primas que vinham recebendo as energias renováveis. Ence, conhecida na Galiza sobretudo pola sua planta de Louriçam e polo importante movimento vizinhal que despertou na sua contra, é a empresa líder em produçom de biomassa do Estado espanhol. Nos últimos cinco anos, a empresa investiu 60 milhons de euros só em cultivos energéticos. Além da lignina e dos resíduos sólidos do seu processo de fabricaçom de celulose, Ence extrai a matéria prima para gerar esta energia dos mais de 18.000 hectares que tem em toda a península destinadas exclusivamente a produzir biomassa -um 15 por cento das 116.000 hectares que gere em total. O negócio nom termina aí, desses 116.000 hectares só sai uma de cada vinte árvores consumidas polas fábricas de ENCE -aproximadamente cinco por cento-, o resto é comprado a diferentes fornecedores privados.

Se os cultivos energéticos já vinham sendo umha ameaça para as economias rurais relacionadas com a produçom de alimentos e para o meio ambiente em geral, o perigo aumenta com a nova Política Agrária Comum (PAC) da Uniom Europeia para o período 2014-2020, já que a partir de agora subvencionará com dinheiro público este tipo de cultivos. Nom se trata só de que os produtores de alimentos deixem de contar com os recursos económicos que agora se destinarám aos cultivos de ciclo curto, senom que se imporá um forte incentivo para que este tipo de cultivos energéticos substituam às actividades agrárias reais.

Na Galiza, as plantaçons de Ence vam encaminhadas nomeadamente ao fabrico de celulose. Norte Forestal, a filial de Ence para as Comunidades Autónomas do norte do estado -incluída a galega-, só conta com 452 hectares destinadas a biomassa (três de cada cem dos 14.000 hectares que gere nestas comunidades). Mas Feijóo já foi preparando o terreno legislativo para as empresas que queiram explorar massas florestais com fins ener-

géticos. A Lei de montes e a Lei de mobilidade de terras aprovadas polo presidente permitem mudar o uso da terra de agrícola a florestal sob uns requisitos mui laxos, por exemplo, que os prédios lindem com massas florestais (NOVAS DA GALIZA 113). Começar a plantar eucaliptos em zonas nom arvoradas susceptíveis de produzir alimentos é mais singelo do que nunca.

PAC desenhada polas empresas

Para entender por quê a PAC passa a considerar actividade agrária as plantaçons de biomassa -e, portanto, susceptíveis de ajudas públicas-, é necessário reparar na capacidade de empresas como Ence para influir nestas políticas e desenhálas à sua medida. Nom se idealiza um mecanismo para o desenvolvimento rural ou a preservaçom do meio ambiente, como rezam os textos oficiais da Comissom Europeia; senom que se cria umha PAC *ad hoc* para os interesses das grandes companhias.

A PAC, que se renova cada seis anos, nom sai do Parlamento Europeu nem de nengum órgao eleito directamente pola cidadania, senom do Conselho Europeu e -em última instância- da Comissom Europeia, formados polos diferentes governos dos Estados membros. A Eurocâmara só tivo que referendar a proposta elaborada polos governos. Ence deve agradecer ao ministro Miguel Arias Cañete os benefícios que obterá da alteraçom normativa. Ele é um dos responsáveis de configurar a PAC a nível europeu e é o responsável do reparto dos fundos concedidos ao Estado espanhol entre as diferentes regions e, nomeadamente, entre os diferentes setores.

Pedro Barato (primeiro pola esquerda) também é membro da Junta Directiva da CEOE. Na imagem sai acompanhado por Jesús Terciado, Juan Rosell (presidente da CEOE) e Arturo Fernández

E como é capaz Ence de influir na política agrária europeia? Fundamentalmente, através do próprio ministério. Na nómina da empresa figuram várias pessoas que se destacam pola sua influência no partido de governo e na carteira que dirige Arias Cañete, incluindo ex-cargos do próprio Partido Popular. É o caso de Isabel Tocino Biscarolasaga, a que estivo à frente do primeiro Ministério de Meio Ambiente da história do Estado espanhol durante a primeira legislatura de José María Aznar. Atualmente, além de estar no conselho de administraçom de Ence, a ex-ministra é membro electivo do Conselho de Estado e também figura na nómina do Banco Santander como conselheira externa.

> Pedro Barato exerce de 'lobbista' na Comissom Europeia
>
> Ser presidente de ASAJA permite-lhe influir em Cañete

Líder 'sindical' no conselho de ENCE

Entre os diferentes conselheiros de Ence, todos com maior ou menor capacidade de influência nas administraçons públicas, destaca Pedro Barato Triguero. Ele é o homem chave da empresa com mais poder de pressom sobre o Ministério de Agricultura e sobre o próprio ministro Arias Cañete. Como conselheiro independente da empresa e presidente da sua comissom assessora de política florestal e regulatória, a nómina de Pedro Barato em Ence ascendia aos 56.000 euros em 2012.

O currículo de Pedro Barato é longo: licenciado em Direito, é membro da Confederaçom Espanhola de Organizaçons Empresariais (CEOE), membro de presidência do Comité de Organizaçons Agrícolas (COPA) da Uniom Europeia, presidente da Organizaçom Intersindical do Azeite de Oliva Espanhol, presidente da Confederaçom Nacional de Beterraba e Cultivadores da Cana de Açúcar, presidente da Associaçom do Seguro de Acidentes Ocupacionais (AMAT) e presidente da Federaçom Espanhola de Autónomos (CEAT).

A todos estes postos de poder no tecido empresarial e agrícola espanhol, há que somar um de especial relevância para entender a sua influência no Ministério de Agricultura: Pedro Barato é também o presidente da 'Asociación Agrícola de Jóvenes Agricultores' (ASAJA), cargo que ostenta desde o ano 1990. ASAJA é conhecida por ser o 'sindicato' agrário tradicionalmente ligado ao Partido Popular; pese a que a própria organizaçom evita nomear-se como sindicato e tampouco coincide com a definiçom clássica de organizaçom sindical ao incluir as "empresas agrárias baixo qualquer forma de iniciativa privada" entre os seus sujeitos de defesa. É a maior organizaçom agrária do Estado espanhol, com mais de 200.000 filiados, o que lhe dá a Pedro Barato umha gram capacidade de influência política. Ademais, a própria ASAJA organizou várias palestras entre camponeses do Estado espanhol para informar sobre os "benefícios" da biomassa e da nova PAC, exercendo como *lobby* de Ence também entre os próprios agricultores.

No seu currículo, Pedro Barato também figura como membro do Comité Consultivo PAC (CC-PAC) da Comissom Europeia, um cargo de especial relevância para a prática de *lobby* de Ence. Este posto,

ISABEL VILALBA É SECRETÁRIA GERAL DO SINDICATO LABREGO GALEGO

"A política agrária é umha grande estafa"

A nova PAC inclui a biomassa como cultivo susceptível de receber ajudas, enquanto exclui o setor da horta. Com que critério se desenha esta política?

A biomassa é absolutamente ineficiente. A ideia é que umha corporaçom como Ence faria um aproveitamento do solo que nom repercutiria nem em emprego nem em dinamizaçom social do tecido rural... Se miramos o seu poder calorífico, a sua viabilidade económica é totalmente negativa no mundo de hoje, tendo que custear as plantas e a madeira. Isto viabiliza-se através dos fundos públicos, senom nom seria viável. O que existe hoje som talas de montes nas que a Ence ou bem nom lhe interessa levar os restos ou bem lhos leva de balde aos proprietários com o argumento de que nom lhes pode pagar nada. Os gastos, que seriam mínimos, som para manter o nível de ajudas que tenhem essas energias. É umha economia falsa baseada no dinheiro público.

> "A biomassa é umha economia falsa com base nas subvençons"

Um dos argumentos repetidos por Ence é que os cultivos energéticos geram emprego no rural.

Nós questionamos-lo totalmente. Som o típico cultivo que gera mui pouco valor acrescentado: consiste em mecanizar grandes extensons com maquinaria desenhada para isso e com um ou dous empregos detrás. Hoje podes ter outros cultivos como hortaliças com um número reduzido de hectares, onde se busquem valores adicionados por exemplo através da venda directa ao consumidor... Está demostrado que assentas muitíssimo mais emprego detrás e dinamizas as economias destes lugares. Esse projeto só pode ser rentável para alguém que nom pense desde o ponto de vista da comunidade rural.

ZELIA GARCIA

Num informe sobre a contribuiçom de ENCE com a economia galega, a empresa assinalava que nas massas florestais geridas por eles havia um 70 por cento menos de risco de incêndio que em áreas nom geridas [por ninguém]. Que relaçom existe entre os incêndios e os cultivos de eucaliptos, já sejam para energia biomassa ou pasta de papel?

Há umha relaçom directa. Onde há um terreno bem gerido porque há muitos cultivos e emprego detrás desses cultivos é muito mais difícil que proliferem os incên-

ADRIÁN ESTÉVEZ

à diferença dos outros, outorga a Barato umha via de influência directa na política agrária europeia, sem necessidade da intermediaçom do ministério espanhol.

Ainda que é a Comissom Europeia a que configura a PAC em última instância; a funçom deste CC-PAC, em teoria, é servir de fio comunicativo entre os agentes sociais afectados pola política agrária e a mesma comissom, que deve ter em conta as suas recomendaçons. Desse jeito, a designaçom dos membros deste comité consultivo fai-se a proposta das organizaçons setoriais "representativas" dos interesses do agro, sendo o Comité de Organizaçons Agrárias da UE (COPA) a mais importante. Como já se assinalou, Pedro Barato é membro de presidência de COPA, o que lhe permite ocupar um cargo no CC-PAC e ter linha directa com a Comissom Europeia.

Em definitiva, graças a este mecanismo e à inexistência de qualquer tipo de incompatibilidade legal, no final é um conselheiro na nómina de Ence o que "aconselha" à Comissom Europeia como deve legislar sobre política agrária. Nom surpreende, pois, que Ence seja umha das grandes beneficiárias da nova reforma da PAC.

Energia eficiente?

Umha das chaves para entender a proliferaçom nos últimos anos dos cultivos energéticos no Estado espanhol é a prima que recebiam por ser umha energia renovável. Sem esta subvençom estatal, estes cultivos nom seriam rentáveis para as companhias energéticas como Ence. Agora, com a reforma energética aprovada polo Governo, a retribuiçom à geraçom com lignina -componente líquido da madeira que serve como combustível- baixou drasticamente e com efeitos retroactivos.

> Na nómina de Ence figura a ministra de Ambiente de Aznar

> Ence pode perder milhons de euros com a reforma elétrica

> As ajudas da PAC permitirám à biomassa ser rendível

A própria Ence reconheceu que sem estas ajudas as suas contas pendem dum fio. Na conta de resultados de 2013, aplicando o 50 por cento do impacto estimado da reforma eléctrica, a empresa vê reduzidos os seus benefícios em 92 por cento, isto é, um resultado de 3,7 milhons de euros frente aos 43 milhons de euros do exercício anterior. É mais, Ence assegura que de nom saírem adiante as suas alegaçons contra a reforma, extremo muito provável, poderiam incorrer em perdas de até 26 milhons de euros. De manter-se o sistema retributivo às renováveis nas condiçons anteriores à reforma, afirmam, os seus benefícios elevariam-se aos 56 milhons de euros.

É assim que as ajudas da PAC que poderá receber Ence adquirem especial relevância, podendo chegar a marcar a diferença entre a proliferaçom selvagem de cultivos energéticos ou a desapariçom dos mesmos, toda a vez que a prima às renováveis já nom seja capaz de rentabilizar estas plantaçons para as empresas energéticas.

Ficam em cima da mesa várias interrogantes. Que quantidade vai cobrar Ence da PAC é a mais evidente. As ajudas europeias à agricultura dividem-se em várias partidas. O conhecido como primeiro pilar da PAC, que supom três quartas partes do orçamento da política agrária europeia, só terá em conta para os pagamentos base aqueles hectares declarados até 2013; polo que cabe suponher que a biomassa ficaria de fora ao nom poder ser ainda destinatária de ajudas naquele momento. Este extremo nom está fechado, posto que alguns proprietários pudérom registrar as terras com vistas a lucrar-se da biomassa no futuro. Mas onde se pode abrir a mao para subvencionar estes cultivos é nomeadamente no chamado segundo pilar da PAC, ligado ao desenvolvimento rural e que supom um quarto do orçamento total. É nesta partida da PAC onde cada Estado tem mais capacidade de intervençom. Os Programas de Desenvolvimento Rural (PDR) definem umha série de medidas de actuaçom e o reparto dos fundos, sendo entre estas medidas onde previsivelmente atopem o seu oco os cultivos energéticos. O PDR galego está agora mesmo a ser elaborado por umha empresa com sé em Madrid e o destino dos fundos ainda nom foi revelado por Arias Cañete.

---

dios. Se tens áreas intercaladas bem geridas e com cultivos reduzem-se os incêndios, nom há um *continuum* florestal. ENCE é culpável de que perdêramos um terço de superfície agrária útil, de que estejamos já por debaixo do 23% de superfície agrária útil. O eucalipto é umha espécie pirófica, que favorece a propagaçom do lume, e é um monocultivo, que nom deixa possibilidade de que haja outros cultivos que frenem a propagaçom dum incêndio.

Graças precisamente à pressom dum *lobby* florestal no que ENCE tem um papel relevante nom se dá prioridade a setores que hoje poderiam estar dando muito valor acrescentado, setores nos que o rácio de hectares e emprego é muito mais rico do que os aproveitamentos florestais que som precisamente os que menos rendabilidade dam por hectare. Umha rendabilidade a 20 anos vista. A gente nom pode viver disso a nom ser que sejas um grande proprietário florestal.

Por que lhe é rentável esta questom? Porque toda esta dinâmica florestal é paga com dinheiro público. O *lobby* florestal é o grande

culpável de destruir terra agrária, como aposta por modelos onde sobre gente, de menos emprego.

Um dos conselheiros de ENCE, empresa que vai lucrar das ajudas à biomassa da nova PAC, é Pedro Barato, presidente de Jóvenes Agricultores (ASAJA), a organizaçom de agricultores ligada ao Partido Popular. É conciliável a defesa dos interesses dos agricultores com a defesa dos interesses das grandes companhias dedicadas à biomassa?

Para mim nom. Isso fai que muitas vezes aqui houvesse organizaçons como a que assinalas que nunca se pronunciara abertamente a favor de fazer um plano para proteger a terra agrária e ter umha superfície mínima equiparável a outros países europeus. Ou que tampouco se pronunciaram numha questom da própria PAC como é primar os activos que quotizem na segurança social agrária. Nom, eles continuam a legitimar que haja 900.000 receptores da ajuda da PAC e só 350.000 quotizantes à segurança social agrária, isto é, 350.000 pessoas que tenhem como meio fundamental de vida a actividade agrária. Assim as ajudas vam a grandes proprietários absentistas com interesses especulativos que nom som labregos.

> "ASAJA legitima que a PAC siga indo para grandes proprietários"

Como se explica que ENCE fiche ao presidente dumha organizaçom de agricultores?

A mim dá-me a sensaçom de que na política agrária que há hoje no ministério há grandes *lobbys* de interesses económicos: proprietários florestais, empresas da biomassa... e essas pessoas mesmo tenhem a gram contradiçom de que se apresentam como representantes do setor agrário e gandeiro quando os seus interesses som totalmente contrapostos. Parte da gente das suas bases desconhecem muitas vezes quais som as linhas directrizes que se traçam no ministério.

Como antes assinalavas, um dos câmbios propostos polas organizaçons de labregos era redefinir o conceito de "produtor agrário" para evitar o desvio de fundos a grandes empresas e terra-tenentes. Proposta que nom foi adiante.

Eu acho que a política agrária é umha gram estafa. Nom sei como se pode legitimar que a mulher do próprio ministro cobre 400.000 de euros ao ano, enquanto há gente que nom tem prestaçons por desemprego ou estám despejados das suas casas. E impressiona-me que a conselharia de agricultura considere que é um êxito. Os receptores deste período histórico anterior continuam sendo os do futuro. O 16 por cento dos receptores cobram o 75 por cento das ajudas.

Tinha que haver uns objectivos claros: dinamizar o emprego e pagar à gente que realmente está em activo, apoiar que a gente moça que olha para o setor agrário como umha possibilidade de auto-emprego e conseguir-lhes terras, promover a alimentaçom a nível local para ter maior qualidade e eficiência energética... Isso tudo poderia estar aqui gerando milhares de empregos, mas no canto disso continuamos a ter terra-tenentes e o capital financeiro levando a maior parte do dinheiro público.

EM ANÁLISE

Nom existem informes públicos detalhados sobre violência sexual

Mulheres violadas perante a impunidade e o silêncio judicial

SENTENÇAS EXCULPAM AGRESSORES POR 'NOM SE DECATAREM' E MOSTRAM MACHISMO NOS TRIBUNAIS

Cada 30 horas é denunciado um delito contra a liberdade sexual na Galiza. No ano 2012, 358 pessoas denunciárom à justiça agressons contra a sua liberdade sexual, mas só 253 dessas denúncias acabárom em detençom ou imputaçom do alegado agressor. Isso significa que 30 por cento das denúncias restantes nom tivérom seguimento, segundo dados do Ministério do Interior espanhol. Cada dez dias presenta-se umha denúncia por umha violaçom com penetraçom. No mesmo ano ocorrérom 42 delitos deste tipo, 20 por cento dos quais nom fôrom seguidos de nenhumha imputaçom nem detençom.

ANA VIQUEIRA / A realidade das mulheres violadas nom é visibilizada em nenhuma estatística específica. Nom existem informes públicos detalhados sobre violência sexual. É por isso que os dados relativos a este crime figuram na memória anual do Ministério dentro da rubrica geral dos delitos contra a liberdade das pessoas. Estes dados parciais, que nom indicam se o caso foi julgado e se o agressor foi ou nom condenado , passam por alto a realidade de casos como o de A.A.V. em que, ainda tendo sido reconhecido que houvo umha violaçom, a Audiência Provincial absolve o violador.

"És a culpável: algo farias, tonteache com ele..."

Como se absolve um violador

Em 13 de março de 2013, um acusado de violaçom foi absolvido na sequência do julgamento oral realizado no Julgado de Instruçom número 3 de Santiago de Compostela. A acusaçom solicitava umha pena de 9 anos de prisom, umha indemnizaçom de 60.000 euros, bem como a proibiçom para o acusado de se aproximar de A., do domicílio desta, do local trabalho ou de qualquer local por ela frequentado, durante polo menos os próximos 5 anos.

O crime ficou impune em virtude da sentença de absolviçom pronunciada polo juiz a cargo do julgado José Gómez Rey e o acusado continua hoje a frequentar os locais próximos da casa de A. Dado que a agressom nom foi legalmente reconhecida, A. nom pode denunciá-lo por assédio, se nom for insultada ou ameaçada.

A. explica que às vezes tem a gente "de confiança" e pode compartilhar com elas o que lhe ocorre mas outras nom, "entom, perguntam-che se che acontece algo, porque te vem estranha. Ti dis que nom, que nada, mas a realidade é que o teu violador está a menos de cinco metros de ti".

A.A.V. foi violada no ano 2008 pola sua ex-parelha depois de sair umha noite de festa com vários amigos e, num ambiente de confiança, convidá-los a dormir na sua casa. J.G.R. deitou-se com ela na cama e, nessa mesma noite, mantivérom relaçons sexuais com penetraçom nom consentidas. Após a denúncia, tivo que passar diferentes processos que justificassem a veracidade da sua testemunha.

Nesse caminho, A. sentiu-se "continuamente julgada". Numha ocasiom, ingressou em urgências por umha crise e o psiquiatra que a atendeu lhe dixo que "era umha imadura" e "*qué pensabas que no te iba a violar*?". Também umha trabalhadora social do CHUS soltou "*que, te ha dejado el novio por eso estás histérica y no se te ocurre otra cosa que venir aquí*?". Os exames psicológicos e psiquiátricos passou-nos à medida em que estava medicada polo diagnosticado como "transtorno de stresse pós-traumático" o que lhe implicou ser sometida a umha "análise milimétrica do que és ou deixas de ser quando nem sequer és capaz de verbalizar o que ocorreu e estás sedada polos ansiolíticos".

Com seus olhos grandes e mui vivos, A.A.V. sustém que, apesar de todo, "as pessoas que me tratárom no processo psicoterapêutico me tendêrom a mao e me salvárom a vida, literalmente".

Um magistrado chegou a argumentar que umha violaçom nom é punível quando se realiza "por imprudência"

Duas psiquiatras, umha psicóloga e ainda um outro informe pericial psicológico coincidem no diagnóstico de "transtorno por stresse pós-traumático" e vinculam-no à agressom sexual que A. afirma ter sofrido no dia 19 de outubro de 2008. Mas a sentença diz que a Sala opina que "el informe sobre la credibilidad del testimonio (...) ha de valorarse con suma cautela".

A inocência das violadas nom existe se o agressor é conhecido

As provas que A. apresenta na audiência de julgamento, ademais do seu testemunho avalizado por umha psicóloga, duas psiquiatras e um relatório policial, som umhas mensagens no telefone móvel em que o acusado lhe pede perdom polo que lhe fijo essa noite. As provas nom constam porque os peritos nom pudérom aceder ao telefone já que, segundo asseguram, estava avariado; mas tampouco houvo diligência para requerer as mensagens à companhia telefónica. A. também denuncia hematomas nas virilhas, porém no decurso do julgamento concluem que "la piel de A. que su novio calificó de muy blanca. Por ello es imposible saber cuál es el grado de fuerza necesario para producir esos hematomas."

A base para a absolviçom do violador de A. som os dizeres deste no fim das relaçons sexuáis nom consentidas: "que *polvo* de merda, parece que estavas comendo *pipas*". Ainda que as palavras dele nom forom avaladas por nenhumha psicóloga ou psiquiatra, é tomada como fundamento da sentença absolutória já que a Sala decide que "*no parece propia cuando alguien impone a otro por la fuerza una relación sexual, caso en el que no tiene sentido reprochar falta de interés*".

Assim sendo, a sentença afirma que o acusado nom se apercebeu de que a estava a violar e, portanto, decide absolvê-lo, porque –di-se– nom se pode cometer umha "violaçom por imprudência". A. explica, perplexa, que esse razoamento "vem a dizer que nom se deu conta de que tinha a umha mulher imobilizada e ao tentar separar-lhe as pernas lhe fijo hematomas na parte interior das coxas mas que, como tem a pele branca, nom som apreciáveis".

Na papelada judiciária que deixa impune uma violaçom reconhecida, lê-se que "A. manifiesta en todas sus declaraciones que la relación sexual no fue consentida. Pero se contradice o es incapaz de explicar como comenzaron las relaciones sexuales. Tampoco da razón del modo en que manifestó a J. que no consentía las relaciones sexuales".

No julgamento, sentiu que a "abriam em canal" numha sala na que te "denigram completamente" e, perante todos, "voltam a violar-te umha e outra vez". "A tua inocência nom é demonstrada ata que se dicte o contrário. És a culpável da violaçom: algo farias, tonteache com ele, deste-lhe agarimos de mais essa noite..."

A. afirma que seria mui diferente se o violador nom fosse a sua ex-parelha, pois a sociedade ainda "nom é capaz de assimilar que os violadores podem ser os nossos amigos, os nossos curmaos, os nossos namorados. Sempre pensamos que som 'os outros' mas som os que convivem connosco, os que tomam licor café

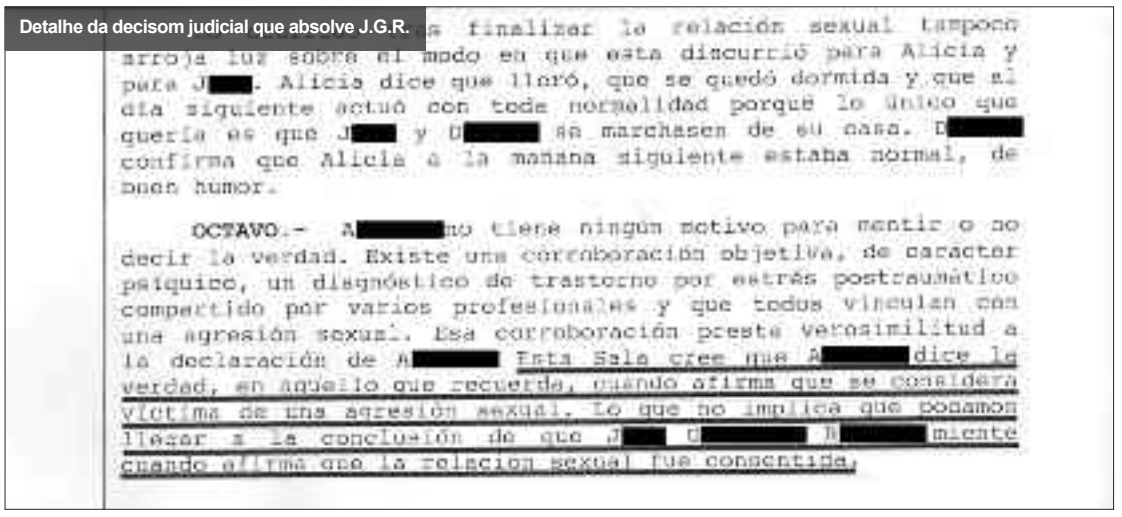
nas foliadas, também os da esquerda,os que dançam connosco na noite 'alternativa', e com os que compartilhamos assembleias 'revolucionarias'".

A.A.V.: "Nom sabemos o que é umha violaçom"

Sem umha definiçom prévia do delito de agressom sexual com penetraçom, na sentença ponhem em dúvida que se cometesse umha violaçom porque nom houvo "gritos nem pontapés".

"Existe una duda razonable sobre el inicio de una relación sexual consentida. Es lo que afirma el acusado. A., que no recuerda cómo empezó la relación, no lo puede desmentir y el contexto de la relación hace plausible lo que el acusado afirma". (...) "No existió resistencia, ni oposición física a la actuación de J., ni hubo gritos. A. dice que se quedó paralizada. Las frases que A. recuerda haber dicho a J., que ya hemos analizado, no expresan una oposición o negativa a la relación sexual".

A.A.V. afirma que nom sabemos que é umha violaçom. "Estivem semanas sem saber que passara naquela casa, sabia que eu nom me sentia bem, sabia que aquilo sem nome me figera mal, sabia que eu tinha os pulsos e as pernas cheias de hematomas, sabia que tinha unha dor vaginal continua... mas nom sabia que fora violada". A. relembrava o acontecido umha e outra vez e só pensava que ali "nom houvo nenhumha arma polo medio", "mas foi na minha própria casa", "mas foi um dos meus melhores amigos", mas... Quando foi por urgências o seu motivo de entrada foi "nom sei o que me passa". Já na consulta, umha psiquiatra dixo-lhe: "Isso é umha violaçom"."E quando se lhe pom nome, nom se pode mirar para outra lado. É umha palavra que che explode de repente para a qual ninguém nos prepara".


Detalhe da decisom judicial que absolve J.G.R.

finalizar la relación sexual tampoco arroja luz sobre el modo en que esta discurrió para Alicia y para J[redacted]. Alicia dice que lloró, que se quedó dormida y que al día siguiente actuó con toda normalidad porque lo único que quería es que J[redacted] y D[redacted] se marchasen de su casa. D[redacted] confirma que Alicia a la mañana siguiente estaba normal, de buen humor.

OCTAVO.- A[redacted]no tiene ningún motivo para mentir o no decir la verdad. Existe una corroboración objetiva, de carácter psíquico, un diagnóstico de trastorno por estrés postraumático compartido por varios profesionales y que todos vinculan con una agresión sexual. Esa corroboración presta verosimilitud a la declaración de A[redacted] Esta Sala cree que A[redacted] dice la verdad, en aquello que recuerda, cuando afirma que se considera víctima de una agresión sexual. Lo que no implica que debamos llegar a la conclusión de que J[redacted] D[redacted] B[redacted] miente cuando afirma que la relación sexual fue consentida.

No imaginário social as violaçons tornam-se conceitos difusos fora do quando nom se trata de estranhos ou de desconhecidos, "quando é a tua ex-parelha, o tribunal sempre fica com as dúvidas 'dos ciúmes', se todo isso o seria planeado por ti, porque estavas "celosa y despechada", como dim. É a volta ao mesmo, a essa conceçom da mulher como um ser vingativo que se afasta da sua essência submissa para conseguir o amor do seu namorado a toda à custa".

> "Quando é a tua ex-parelha, o tribunal sempre fica com as dúvidas 'dos ciúmes'"

A. também alude ao classismo e à xenofobia. "Se ele fosse imigrante, de etnia cigana ou nom o conhecesses previamente, o caso estava ganhado antes de ser julgado. Esta é a triste realidade". Mas o rodeia à violência sexual contra as mulheres é sobretodo o patriarcado: o varom como dono e sujeito de decisom em relaçom ao corpo das mulheres. "Todo isso resume-se numha frase que me repetia constantemente: 'só eu sei o que che gosta'. Na realidade, estava-me a dizer que eu era dele".

Impunidade: terrorismo de estado

Sentenças como esta, que reconhecem que "houvo violaçom mas ele [o violador] nom se deu conta", som denunciadas por coletivos feministas, já que som o prototipo de casos em que há provas evidentes de que foi cometido um crime de violaçom mas querem absolver o acusado.

A. deixou de acreditar na Justiça tal como praticada em Espanha, quando viu o seu testemunho silenciado e a sua experiência subordinada à palavra do agressor. Enfim, quando viu a impunidade que rodeia o crime que se cometeu contra o seu corpo e a sua dignidade. Ela di que já lhe é impossível crer no sistema judicial, "no mesmo momento que há presos galegos na cadeia sem provas e que acusam de terroristas por fazerem país, há verdadeiros terroristas patriarcais com provas que som absolvidos, nom há justiça".

Porém, esta experiência sim lhe faz crer cada vez mais no seu próprio corpo. "Depois dumha violaçom tes que recuperar-te psicológicamente e físicamente mais isso nom é incompatível com umha posterior sexualidade sana e incluso mais prazenteira".

Entre silêncio e impunidade, "estamos em presença de terrorismo de Estado. Neste contexto, as regras de jogo nom estám nos tribunais, mas nas ruas. Podem tirar-nos a justiça 'institucional' mas nunca poderám retirar ao povo a justiça social".

Agressom sexual condenada: quando o acusado é um desconhecido

A.V. / Na província de Lugo, L. denuncia umha agressom sexual sem penetraçom que aconteceu no mês de dezembro de 2012. Um rapaz de 18 anos perseguiu-na tocando-lhe o corpo até empurra-la contra umha parede, retendo-a polo pescoço e peito. "Empurreino e tivem a sorte de que um segundo mais tarde aparesse umha mulher pola rua. Ao vê-la, o tipo fugiu por um parking próximo".

L., hora e média depois da agressom, presentou umha denúncia por agressom sexual. "A verdade é que me tratárom mui bem, nom pugérom em nemhum momento em dúvida a minha palavra. Figérom-me contar todo várias vezes e muitas perguntas para que nom me esquecesse de contar nada. Ao princípio, nom queria denunciar pero o meu moço fijo-me entrar em razom e hoje estou mui satisfeita. Desfás-te peso de enriba, ainda que o medo a que volva a passar algo parecido che dure um tempo. Se me voltasse a passar, nom o duvidaria".

De denunciar na comissária, L. nom tivo medo. O seu único temor era voltar a topar com o agressor ou que este figesse a "umha rapazinha mais nova" o que lhe figera a ela.

> "Ao princípio nom queria denunciar"

A juíza instrutora e a advogada do acusado chegárom a um acordo e o caso nom foi levado a julgamento. O agressor cumpriu umha pena dum ano de cárcere, e sobre ele pesa umha ordem de afastamento de cerca de dous anos e deve pagar a prazos umha indemnizaçom de 800 euros.

L. lamenta a ignorância que existe em geral sobre os processos judiciais, e di que ela mesma se deu conta desse grande desconhecimento quando, como parte acusadora, se viu envolvida no processo penal. "Era a primeira vez que eu assistia a um juízo e, por riba, sendo ti a denunciante, assusta bastante; mas logo todo correu bem. Tivem sorte de que uma pessoa amiga que estudou Direito me informasse dalgumas cousas, como a proteçom de testemunhas, se nom, creio que eu nom teria sabido disso.

A palavra de L., nom foi posta em dúvida, o crime de que foi vítima foi reconhecido legalmente e o criminoso condenado. Ela sentiu-se amparada pola Justiça. "Tivérom muito cuidado de me citar mais cedo e de me deixarem sair muito tempo antes que ao rapaz para evitar que nos topássenos nos corredores ou na rua... até me dérom as graças por denunciar. Dim que tenhen muitos casos assim e mais graves, pero que nom podem fazer nada porque nom apresentam ou retiram a denúncia".

DITO E FEITO

A Plataforma Galega polo Direito ao Aborto agrupa mais de setenta coletivos feministas de todo o país

EM DEFENSA DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

Multiplicam-se açons feministas para reivindicar a autonomia das mulheres

O.R. / Umha maré lilás percorria no Domingo 9 de março as ruas de Compostela. Mulheres de todos os pontos do país saíam à rua para reivindicar autonomia, poder de decisom, e liberdade. Mas, detrás desse bosque, atopam-se muitas árvores que foram medrando nestes meses: todos esses coletivo, e todas essas pessoas, que se estám a organizar para fazer frente a um dos maiores ataques de todos os tempos aos direitos básicos.

Umha maré lilás percorria no Domingo 9 de março as ruas de Compostela. Mulheres de todos os pontos do país saíam à rua para reivindicar autonomia, poder de decisom, e liberdade. Mas, detrás desse bosque, atopam-se muitas árvores que foram medrando nestes meses: todos esses coletivo, e todas essas pessoas, que se estám a organizar para fazer frente a um dos maiores ataques de todos os tempos aos direitos básicos.

A plataforma leva um ano fazendo pedagogia sobre a lei

O mercado das Conchinhas, "Zona livre da lei Gallardón"

A Plataforma Galega polo Direito ao Aborto

A luita contra a "Lei Gallardón" está sendo articulada na Galiza através da Plataforma Galega polo Direito ao Aborto (PGDA), umha entidade capaz de coordenar o trabalho de mais de setenta coletivos e grupos de mulheres de todo o país. No ano que leva constituída organizou dúzias de atividades, como debates e faladoiros em centros sociais, livrarias e outros espaços para estender o conhecimento sobre as implicaçons do novo quadro legal. Aliás, protagonizárom diversas açons de rua, como concentraçons ou a colocaçom de faixas em pontes e estádios. Os concertos e festas solidárias, como as que tiveram lugar em Ourense e Ferrol, contribuíram também para socializar o tema.

Duas das açons mais chamativas dos últimos meses do feminismo galego foram, sem dúvida, a entrega de assinaturas ao Valedor do Povo e o registo da propriedade dos corpos, ambas coordenadas também pola PGDA. Trinta mulheres começaram com esta proposta no registo de Vilagarcia, e dias depois, mais de seiscentas faziam o mesmo com os seus corpos em Compostela, na Corunha, em Vigo e em Redondela.

Para além destas açons de maior escala, os coletivos de cada localidade levárom a cabo outras atividades para contribuir para visibilizar o conflito. Os feminismos da Corunha, por exemplo, realizárom várias jornadas de difusom dos conteúdos da Lei do Aborto em diversos mercados da cidade, como o das Conchinhas ou o de santo Agostinho, declarando estes espaços "zonas livres da Lei Gallardón".

ENTREVISTA A SARA SILVAR, DA PLATAFORMA GALEGA POLO DIREITO AO ABORTO DE LUGO

"Para além do feminismo, o resto dos movimentos nom articulou umha resposta contra a Lei do Aborto"

Como nasce a ideia de se juntarem para esta iniciativa?

Ao conhecer as intençons do governo de mudar e piorar a atual legislaçom, muitas mulheres de Lugo vimos a necessidade de fazer frente a esta nova ofensiva promovida polo conservadorismo mais clerical e reacionário. Sabíamos que a nível nacional se estava a articular a Plataforma polo Direito ao Aborto, assim que, em maio do ano passado tivemos umha primeira assembleia na nossa localidade.

Qual é o perfil das mulheres?

A PGDA de Lugo é um espaço onde confluímos mulheres com distintas procedências, experiências e militáncias...polo que cada umha de nós achega diferentes recursos, jeitos de fazer e potencialidades que se complementam. A nossa experiência di-nos que é complicado atopar mulheres que nom trabalharam previamente noutros projetos coletivos e que se envolvam por vez primeira neste tipo de reivindicaçons, mas nom perdemos a esperança de que moças que apoiam os atos e acorrem às concentraçons passem a formar parte das nossas juntanças.

Que açons levastes a cabo?

Em Lugo a primeira açom como Plataforma foi umha grande manifestaçom em junho do ano passado. E desde entom nom deixamos de levar a nossa luita à rua: colagens, sabotagem de atos dos coletivos anti-abortistas, reparto de brochuras informativas, concentraçons... Umha das açons que mais repetimos, pola facilidade da sua organizaçom e a boa acolhida que tem, é a de colocar-nos com a faixa em pontos estratégicos da cidade, tentando fugir da inércia generalizada de realizar as atividades só no centro e levando a nossa reivindicaçom aos diferentes bairros lucenses.

Qual é a acolhida que percebestes nas vossas açons na rua?

Percebemos que a gente é conhecedora da reforma e polo geral respondem mui bem as nossas açons. Porém, apesar de estar mui sensibilizada com algum aspeto concreto do anteprojeto como a nom inclussom do suposto de malformaçom, nom parece que reparem muito em outras questons nom menos lesivas. A necessidade de fazer-nos passar por doentes mentais para que nos autorizem a interromper a gravidez nom desejada, os abortos em condiçons de risco que sofreram as mulheres sem recursos, o tratamento que receberam as menores de 18 anos... Nom contam com tanto bombo mediático e polo tanto com tanto apoio inicial. Mas o que queremos fazer ver é que o verdadeiramente lesivo da lei é o facto de que nos priva de toda decisom sobre os nossos corpos e os nossos projetos vitais, aprofundando a precarizaçom das nossas vidas. A sociedade deve ser consciente de que esta é umha demanda de direitos humanos e justiça social.

Como valorizais a resposta que se está a dar através dos movimentos à Lei do Aborto?

Como nom pode ser de outro jeito, os movimentos sociais de esquerdas rejeitam a lei, polo menos nominalmente. Mas, na verdade consideramos que, salvo exceçons, nom realizam um especial esforço na hora de mobilizar as suas bases na luita contra as ofensivas do patriarcado. Parece que esta nom é um ponto prioritário ou urgente nas suas agendas (que também som as nossas), o qual deve fazer-nos refletir sobre o muito que ainda fica por caminhar.

GALIZACONTRAINFO

L.D.R.

GALIZACONTRAINFO

Deixa passar, sou feminista e o mundo vou mudar

L. DOPAZO RUIBAL / Milhares de mulheres que encheram as ruas primeiro, os jornais e as televisões e as rádios depois.

Havia também homens e crianças, milhares de pessoas que corearam consignas clássicas das manifestações feministas, mas também novos lemas, obrigadas pelos retrocessos que o governo do estado quer impor na autonomia das mulheres.

O nove de março Compostela viveu uma manhã florida, em lilás, de punho em alto. Nem pedir licença, nem pedir perdão. Erguer a voz, fazer ruído, cantar, porque a luta pelos nossos direitos não deixa fora a música nem a dança.

Nos nossos corpos não manda ninguém.

L.D.R.

L.D.R.

CULTURA

"O cinema próprio é fundamental para conhecermo-nos e projetarmo-nos no mundo"

CONVERSA COM IGNACIO VILAR, DIRETOR QUE PREPARA UM FILME SOBRE A NOVELA DE BLANCO AMOR

"A Esmorga vai ser um dos grandes filmes da cinematografia galega"

MARÍA ABELLEIRA / *A Esmorga* de Eduardo Blanco Amor regressa ao celuloide. Desta volta, numha reivindicaçom da sua essência originária, ligada à cidade de Ourense, ao idioma galego e a um clima que há de impor a sua pegada fatalista. Após *Pradolongo* e *Vilamor,* o realizador Ignacio Vilar, da mao de Vía Láctea Filmes, aposta numha produçom genuinamente da terra. Cibrán O Castizo será Miguel de Lira. Antonio Durán 'Morris' vai mergulhar na pele do Milhomes. E a exceçom basca, Karra Elejalde, vai interpretar O Bocas. Com eles, Auria e o cinema galego voltam estar de esmorga.

Por que *A Esmorga* no cinema?
Como umha das grandes obras da literatura universal merecia ser revista e que melhor forma de o fazer que levando-a ao cinema. Estamos perante um clássico, um dos lugares comuns que temos todos os galegos e galegas, pois di muito da nossa cultura, da língua e da nossa forma de ver a vida. Em definitiva, descreve-nos como povo. Neste senso, o cinema próprio é fundamental para conhecermo-nos a nós mesmos e projetarmo-nos no mundo.

Estamos, por certo, perante um dos romances galegos que mais foi traduzido para outras línguas.
Sim, aliás, continua a ser a obra mais vendida de Galaxia, editorial que possui os direitos de autor e que está neste filme como coprodutora. Isso quer dizer que, como bom clássico, continua a ser atual e tem muito a dizer num presente convulso como este. *A Esmorga*, igualmente, viu a luz num contexto complicado, lá polo ano 1959. Como romance proibido na Espanha franquista, inicialmente, foi publicada em Buenos Aires e só chegaria à Galiza um tempo depois de modo clandestino, através dalguns exiliados como Castelao ou Luis Seoane.

Transcorrêrom vários anos desde que começou a construir o projeto. Por que tanto tempo?
Foi preciso contar com tempo suficiente para adaptarmos o guiom, procurarmos financiamento e encontrarmos as localizaçons. Partimos da máxima fidelidade à obra de Blanco Amor, de aí tanto esforço. Quando contamos algo através do cinema, todos os elementos ham de ser construídos ao serviço da história. Neste caso, as localizaçons, a fotografia, os atores, a direçom de atores, a maquiagem, os penteados... Todo gira ao redor da fonte literária.

O director Ignacio Vilar, detrás de Morris, comenta com o actor a cena

Foi complicado esse salto da linguagem literária à fílmica?
A verdade é que nom. Primeiro, porque estamos perante um romance em que a imagem é fundamental. Mas também porque esse percurso de 24 intensas horas por Ourense, em que som retratados todos os estratos sociais da cidade -das classes humildes e camponesas até a burguesia e a aristocracia- é puramente cinematográfico. A Esmorga é umha viagem sem retorno para o desastre num espaço e um tempo muito determinados e isso, precisamente, é o cinema.

Para fomentarem a atmosfera fatalista que envolve a história estám a gravar em pleno inverno. Está a ser muito dura a rodagem do filme?
Muito, principalmente para os atores e as atrizes. Nestas semanas que levamos de filmagem, houvo temporais impressionantes e também botamos mao da chuva artificial para potenciarmos essa atmosfera cinzenta que pressagia a desgraça. Grande parte da equipa apanhou gripes, mas era imprescindível captarmos a Galiza da chuva, a geada e o frio para que a história fosse tendo forma. O clima é determinante no comportamento das personagens e no seu fatídico final.

"Houvo gripes, mas era imprescindível captar a Galiza de chuva, geada e frio"

Queria reivindicar essa essência que lhe negou, em certo modo, *La Parranda* de Gonzalo Suárez?
Claro. Ao ser filmada em castelhano e ao trasladarem a história a Asturias, o filme de Gonzalo Suárez perdeu a essência. *A Esmorga* está absolutamente ligada à cidade de Ourense, mas o clima é igualmente fundamental. Nós quigemos apanhar a obra desde dentro, aprofundando nos seus significados e nessa direçom estamos a trabalhar.

Por que se decantou por um ator basco para interpretar o papel do Bocas?
O processo de *casting* foi extenuante. Figem muitas provas a muitos atores e nom conseguia encontrar O Bocas. Porém, Karra Ejalde, um dos grandes atores bascos, conseguiu-no. Quanto ao idioma, leva meses a praticar com um linguista o galego com sotaque de Ourense. E, como ele, Morris e Miguel de Lira, dous dos profissionais mais queridos das nossas artes cénicas, tivérom que preparar umha variedade dialetal que nom era a sua. É sabida a importáncia que a língua tem nos nossos filmes.

Com mais de três semanas de filmagem como som as expectativas?
Com a experiência dos últimos dias nas costas, podo assegurar que os três atores protagonistas fôrom um acerto. O seu trabalho é realmente impressionante. A equipa ao completo está a fazer possível que tenhamos entre as maos o que vai ser um dos grandes filmes da cinematografia galega.

Numha ocasiom dixo que se o filme conseguia emocionar o público ourensano, entom ia trunfar em toda parte.
Sucede que quando se consegue captar a essência do local consegues tornar-te universal. Sempre é assim, sobre essa máxima fôrom construídas as grandes histórias. O real é o local, pois o universal é apenas umha enteléquia. As peças da literatura e o cinema que derivárom em historias universais partírom do diferencial e concreto de cada cultura.

Quase dous milhons de euros de orçamento. Foi um desafio lograr esta implicaçom institucional?
Aqui nom movemos as grandes partidas orçamentárias do cinema americano e, portanto, conseguir financiamento sempre é um repto.

No entanto, *A Esmorga* contou com o apoio de todas as instituiçons galegas. A Junta, Agadic, TVG, a cámara municipal e a deputaçom de Ourense... Todas apostárom muito forte neste projeto. Depois entrou TVE. Logicamente, partirmos dum romance tam conhecido abriu-nos muitas portas, mas também ajudou o sucesso dos nossos filmes anteriores. O reconhecimento de *Pradolongo* e *Vilamor* nas salas de cinema e nos festivais internacionais foi decisivo.

XURXO LOBATO

Como foi a ambientaçom?
Muito complicado. O nosso departamento de arte trabalhou diariamente para recrear esse Ourense de época. Foi preciso um processo longo de documentaçom. Após gravarmos as paisagens pola formosa geografia ourensana, reproduzimos umha cidade em que estám presentes todos os elementos característicos de meados do século passado. Os figurantes, claro, mas também os comboios, automóveis, lojas, tabernas e casas polas quais passam os três esmorgantes. É certo que tivemos a sorte de que 80% da rota pola zona antigo esteja perfeitamente conservada. De facto, até os nomes das ruas som os mesmos que aparecem no romance.

Que vamos ver no filme de fora da cidade de Ourense?
A casa de citas, que vai ser fundamental no filme, é reproduzida numha discoteca do Carvalhinho com um decorado que demorou mais de três meses em ser constituído. Também nos deslocamos a Riba d'Ávia para filmar na taberna do Papuxa, onde ainda resiste o ambiente de taberna galega tradicional. Mais complicado foi toparmos um lugar apropriado para a casa dos Andrada. Após percorrermos mais de oitenta paços por toda a geografia galega, demos com o Paço de Tor em Monforte. Circulando polas suas estáncias tivem a sensaçom de que Blanco Amor tinha estado ali antes de escrever *A Esmorga*. Praticamente, todo o que descreve no romance está nesse paço.

> "As histórias que devírom universais partírom do diferencial de cada cultura"

Está previsto dobrar o filme?
Os nossos filmes sempre som em galego com legendas e *A Esmorga* nom vai ser umha exceçom. Talvez em Barcelona e Madrid, por haver possibilidades, projetemos nos cinemas que exibem em versom original e nas salas onde som limitadas as versons dobradas. Contodo, polo mundo adiante, *A Esmorga* será vista no idioma em que escreveu Blanco Amor.

Como vê o cinema galego na atualidade quanto à criaçom?
Estamos num momento muito interessante. Estám a aparecer novos criadores com filmes de vanguarda que trunfam nos festivais de todo o mundo. Igualmente, aqueles que já figérom valer algum projeto, também estám a ter sucesso a nível internacional. Acho que, se continuarmos assim, vamos construir umha cinematografia de que estaremos orgulhosos e que nos vai ajudar a valorizar mais a nossa cultura e todo o que somos.

Tempos de Entrudo: Na procura das raízes do triángulo mágico de Ourense

MARÍA ABELLEIRA / Nos irreverentes dias do entrudo, quando mudam as identidades e o desafio dos postulados sociais se torna obriga, a capital da Galiza assenta no chamado triángulo mágico ourensano que vincula Laça, Verim e Ginzo de Límia. Apesar de o número de visitantes aumentar ano após ano, ameaçando a essência dumhas celebraçons genuinamente rurais, diferentes associaçons lutam por conservar as tradiçons pagás mais ancestrais que chegárom aos nossos dias junto com aquelas implantadas polo cristianismo.

Para os antigos, a festividade que hoje conhecemos por entrudo tinha a ver com a mudança de ciclo estacional. "Estes rituais eram umha pregaria de fecundidade para terem boas colheitas, afastarem os maos espíritos e fertilizarem a terra", sublinha Nieves Amado, arqueóloga e presidenta da Associaçom Alto Támega de Laça. Precisamente, nestes ritos das antigas sociedades rurais, há que enquadrar a procissom da Morena que decorre no chamado 'Luns Borralheiro'.

"A Morena é umha máscara de vaca que se supom que provém do monte e que desce até o vale para escornar os presentes e levantar a saia às mulheres", relata Amado. Na sua comitiva, vam as famosas formigas que, junto com os tojos, farelos e farrapos de bulheiro, tornam-se armas de 'batalha' para a fervorosa multidom que acode ao entrudo lacense.

MAXIMO GODAS. ARQUIVO HISTÓRICO DE OURENSE

Pola sua banda, em terras limiás, encontramos a figura do Touro. Apesar de ser um símbolo dos entrudos de Ginzo de princípios do século XX, esta figura perdeu-se durante varias décadas até a sua recuperaçom por parte da agrupaçom cultural A Pantalla. Com idêntico simbolismo primitivo e sexual da Morena, O Touro sai à rua no chamado 'Sábado de Corredoiro', juntando-se com o carro que leva o Meco e o seu cortejo de coroças e fachons. "Este boneco, que encarna todo o mau da sociedade, é enforcado na Praça Maior onde permanece até o fim das festas, despedindo assim o período de desenfreio e burla das convençons que é o entrudo", explica Suso Fariñas, membro da citada associaçom.

E é que a mistura de significados que convivem no nosso imaginário fai complicado estabelecermos a origem de certas tradiçons. Para a presidenta de Alto Támega, e na linha que defendeu Bouza-Brey, os peliqueiros e os cigarrons som a derivaçom dumha máscara que poderia provir das cerimónias tribais da pré-história. Vicente Risco, pola sua banda, situou a sua origem nas sociedades segredas primitivas. Para outros, no entanto, o seu percurso é menor e teria o seu início no Castelo de Monterrei.

"Que peliqueiros e cigarrons tenhem a mesma base nom há dúvida, pois a vestimenta é praticamente idêntica", argumenta Víctor Balandrón da associaçom O Cigarrón de Verín. "Segundo alguns estudiosos, as máscaras eram utilizadas polos assaltadores de carne de caça nas bodegas dos Condes para nom serem reconhecidos; para outros, eram os cobradores de impostos do castelo de Monterrei, os que as usavam para assustarem os maus pagadores", acrescenta.

"Pode que nunca se saiba a origem destas máscaras", retruca Nieves Amado, "mais o significado é sempre o mesmo: o dumha máscara anónima e fustrigadora, que tem todos os poderes sobre o povo. Nom duvido que numha fase da história medieval fossem utilizadas no ámbito do Castelo, mais isso nom significa que a sua história nom seja anterior", resolve. A polémica está servida.

DESPORTOS

FRAN PÉREZ CARREIRA, DUPLO CAMPEOM MUNDIAL

O desportista do Celta ganhou nas modalidades de 60 m. valados e em salto com vara durante o campeonato do mundo de atletismo de Reims em pista coberta para diminuídos intelectuais. Além, Fran Pérez recebeu um outro troféu pola sua trajetória desportiva.

RECORDE GALEGO DE ANA PELETEIRO

Novo recorde galego para Ana Peleteiro nos 60 m no transcurso do controlo de marcas no módulo coberto do INEF de Madrid. Com esta marca de 7´56 consegue reduzir em sete centésimas o recorde galego da distância que estabelecera Aurelia García há 21 anos em 7´63 segundos.

Galiza: potência mundial em triatlo desprezada polo Estado espanhol

A.RUA NOVA / A imposibilidade de que a Galiza poda competir com selecçom nacional própria em torneios oficiais faz que muitas e muitos desportivos do nosso país nom podam converter-se em profissionais, perante a falta de apoios e oportunidades para competir. E mesmo quando atingem a elite, podem sofrer o boicote das instituiçons espanholas. Um dos casos paradigmáticos dos vilipêndios aos galegos é vivido no triatlo, onde quando menos três dos nossos melhores desportistas sofrêrom na sua pele as injustiças da federaçom espanhola de triatlo.

Antón Ruanova solicitou a demissom do presidente da federaçom espanhola

Há apenas um mês, o triatleta Antón Ruanova, atual subcampeom estatal, anunciava a retirada no melhor momento da sua vida desportiva pola ausência de apoio e possibilidades para competir no mundial. Na entrevista do NOVASGZ nº 130, o Antón Ruanova denunciava que *"nom vou continuar a representar Espanha"* farto dos menosprezos da federaçom, que o deixou sem competir nas World Séries de Áustria apesar de ter o pontos que a federaçom internacional exigia para estar na saída.

O campeom mundial Javi Gómez Noya também tivo fortes enfrentamentos com a federaçom espanhola, que a instáncias do CSD (Conselho Superior de Desportos) retirou-lhe a licença desportiva no ano 2003 e entre os anos 2005-2006, baseando-se num relatório da cardiologista Araceli Boraíta que afirmava que Gómez *"sofre umha valvulopatia aórtica o que o incapacita para competir ao máximo nível"*. Com o apoio de especialistas em cardiologia de todo o mundo, o ferrolano recuperou a sua licença internacional, e iniciou umha meteórica carreira desportiva, na qual já soma três campeonatos mundiais e umha prata olímpica. Mas isto nom fai que Gómez esqueça o seu calvário passado, e continue a manifestar-se abertamente em contra da federaçom.

Mais umha polémica foi a que viveu Ivan Raña no ano 2012. Com umha lesom no metatarso foi obrigado a competir pola federaçom para ganhar o bilhete aos Jogos de Londres 2012. Finalmente viu-se privado de competir nas que seriam as suas quartas Olimpíadas. Este facto motivou que Raña abandonara a distáncia olímpica para iniciar-se no Ironman, competiçom organizada à margem das federaçons.

Galiza é potência mundial em triatlo, e há cinco galegos entre os 100 melhores do mundo: Javi Gómez, Iván Raña, Uxío Abuín, Óscar Vicente e Antón Ruanova. Mas o bom momento desportivo dos nossos triatletas nom ocultam as continuas travas impostas pola Federaçom espanhola. Mais que nunca resulta urgente ganhar a oficialidade das Seleçons Galegas para que os nossos e as nossas desportistas tenham a oportunidade de demonstrar a sua valia e luitar em igualdade de condiçons com as potências mundiais.

Carvalho All Stars: porque a bilharda nunca vai poder ser desarticulada

SÉRGIO VILUBA / Carvalho, por extensom o grande epicentro da futura Conferência Bergantinhos, demonstrou sobejamente com a gestom da espetacular ediçom 2014 do Bilharda All Stars que nengumha revoluçom que surge da coragem e da força centrífuga do homem e da madeira pode ser desarticulada , som verbas que tomamos prestadas do referencial ativista galego Martinho Sanmartin, frase da sua autoria com a que se fecha o imperdível documentário "O Sorrriso Insubornável dum guerrilheiro galego" que na sexta-feira foi apresentado num passe aberto no CS Xebra de Burela, que exerceu de prévia de luxo para ativistas da Conf. Nordeste que no dia seguinte , sábado 15 de março estariam em Carvalho com os paláns e as maçarocas preparadas para assar na grelha de Choris deste explosivo All Stars Pichorro que deixou semente de vitória em todo o poderoso hemisfério Bergantinhos. Com um impacto mediático impressionante, a grande festa da bilharda em que se convertem sempre os All Stars reafirmou-se em Carvalho com a força dum javali ferido, arrancou a festa polas 15:30 h. com um espetacular concurso de Tripas-Varados e continou com o explosivo concurso de Mates (imperdíveis as imagens no facebook O Varal e Tele-Varal) para desembocar no esperadíssimo Aberto do All Stars onde as grandes estrelas das Conferências do país chegadas a Carvalho descarregárom as suas xostregadas carrregadas de futuro para a sobrevivência do nosso desporto nacional neste contexto atual total e absolutamente hostil. Albino de Luá de Força campeom de mates e habilidades (divisom de opinions). Caminha de Gharabotos campeom de triplas (dominou muito bem a final) e Basílio dos Trouleiros do Pino campeom do aberto (foi o melhor sen nengumha dúvida) . Assim as cousas, umha vez rematadas as hostilidades na pista terceiro tempo no Bar Juventude frente à pista onde os representantes das diferentes conferências realizárom a já mítica assembleia Aberta da LNB que se fechou com a Foliada bilhardeira um prévio de luxo para o explosivo fim de festa na Sala A Reserva onde foi celebrado o espetacular Festival-LNB All Stars 2014 : 15 Labirinto , Xenderal e Os Vacalouras fôrom os grupos que subírom ao cenário para nos arrebolar aos olhos as suas selvagens e afiadas bilhardar sonoras... DANÇAS DE GUERRA E BRUTAL PUNHADA EM CIMA DA MESA DA LNB-BERGANTINHOS!!

DEZ MEDALHAS PARA A SELEÇOM GALEGA DE TAEKWONDO

Umha renovada equipa galega logrou dous ouros, três pratas e cinco bronzes no campeonato estatal senior de combate de Cáceres. Destacárom Lúa Piñeiro e Juan Fernández, que vencêrom nas suas categorias. Com estes resultados, Galiza logrou na classificaçom por seleçons a medalha de bronze na categoria feminina, e foi prata na masculina e na geral.

GALIZA CONTINUA A TURRAR FORTE

A seleçom galega de ráguebi sub-18 proclamou-se vencedora no campeonato estatal de seleçons. Na categoria de menores de 21 anos, Galiza ficou segunda. Além, as moças do CRAT Corunha lideram a divisom de honra estatal. Estes bons resultados venhem a reafirmar que o desporto da bola oval goza dumha excelente canteira no nosso país.

As origens do atletismo na Galiza (I)

OSCAR FERNÁNDEZ / O atletismo é um desporto milenário que tem os seus inícios na antiga Grécia, mas nom foi até o século XIX quando se configurou a forma que conhecemos na atualidade. A origem moderna há que procura-la no Reino Unido. À nossa terra chegou da mao dos ingleses e dos alemáns que estavam a trabalhar em Vigo ao redor de duas empresas: os chamados "Cable Inglés" (Eastern Telegraph) e o "Cable Alemán" (Deustch Atlantische).

No século XIX, na Galiza tivemos dous tipos de provas "atléticas". De umha parte, as exibiçons de "andarins" que nom eram mais que atletas que se dedicavam a ir de vila em vila fazendo carreiras que variavam o formato dependendo do "andarim". O mais comum era ir procurando pessoas para apostar e assim ganhar a vida. Geralmente as apostas eram contra um cavalo, numha prova de resistência, contra um velocípede ou outro "andarim" que quiger competir contra eles. Outros faziam um espetáculo quase circense correndo durante umha hora. A maior parte destes "andarins" procediam de Aragom, onde havia muita tradiçom de apostas no que eles chamavam "carreras de pollos" ou "pollaradas". Destacam dous andarins, entre os que visitárom a Galiza: "Chistavín" e "Sevilla". O primeiro foi muito conhecido no ámbito estatal por um enfrentamento que tivo com um italiano chamado Bargossi em 1882. Essa corrida tivo lugar na praça para touradas de Zaragoza e congregou milheiros de pessoas com quantidades elevadíssimas que fôrom jogadas em apostas. Com a sua vitória levou a umha enorme fama por todo o Estado. Chegou à Galiza, procedente da Argentina, no ano 1887 e primeiro foi a Riba d'Eu, onde competiu contra um cavalo, depois foi a Lugo, onde correu oito voltas ao redor da muralha (17.600 m) numha hora e quinze minutos. De Lugo foi até Corunha, onde deu 150 voltas à praça de Maria Pita. O seu próximo destino foi Compostela, onde se enfrentou a um moço de catorze anos chamado "Milica" (Francisco Calvo y Calvo), que competiu contra Chistavín na praça do Hospital de Compostela. O jornal"Gaceta de Galicia" fijo a seguinte crónica:

"De absurda qualificamos tal imprudência, já que o novo e simpático moço tem umha constituiçom delicada e nom tem experiência neste ofício, que Chistavín exerce desde há tempo. Era pouco menos que impossível que aguentara o ritmo imposto por Chistavín. Os nossos prognósticos fôrom cumpridos. A carreira começou às 15h20. Saiu Chistavín e aos poucos segundos Milicas que ia detrás. Um imenso público assistiu ao espetáculo, enchendo a praça e as varandas da Cámara municipal, do Hospital, da Escola Normal e da Catedral. O pobre rapaz abandonava quando levavam 22 voltas, fazendo 18 minutos e 6 segundos. Foi conduzido diante do senhor alcaide, nom sabemos o objeto.

Chistavín continuou correndo até as 16h32 (72 minutos em total) logrando alcançar as 71 voltas. Podemos indicar que o círculo nos primeiros momentos deveu ter uns 400m, mas foi-se fechando polos espectadores de diferentes classes sociais e afinal devia ter apenas 300m. Chistavín portou-se bem, já que sem mostrar signos de fatiga chegou até os 21000 metros (...) Provavelmente Chistavín compita contra um cavalo neste domingo e depois saia para Vila Garcia de Arouça, Carril, Padrom, Ponte Vedra, Vigo e finalmente para Portugal".

Esta é a primeira prova realizada na Galiza onde aparece um atleta galego. Também fijo diferentes exibiçons Manuel Navarro "Sevilla". Numha delas, deu 153 voltas à Alameda de Vigo, uns 22 quilómetros, também fijo correr o seu cativo umhas voltas e depois bailou umha jota aragonesa com a sua mulher.

O século XX traz os 'sportmen'

Os andarins desaparecem com a chegada do desporto moderno. Eram tempos com pouca oferta lúdica, em comparaçom com a atualidade, mas logo começam as primeiras provas desportivas, mas sem um regulamento unitário. Celebram-se provas pedestres a princípios do século XX em Ferrol, Corunha e Ponte Vedra. No ano 1906 há umhas provas de velocidade em Compostela. Em 1907 umha prova pedestre na Corunha e, nesse mesmo ano, também é disputada umha outra competiçom atlética em Vigo.

Os atletas que participavam nestas provas eram na sua maioria futebolistas que faziam todo tipo de desportos, com umha oferta muito limitada na altura. Estendeu-se a ideia do "sportmen". Assim apareciam provas ciclistas em que havia provas atléticas, jogos em que havia algumha corrida pedestre, como o Fortuna de Vigo-Ponte Vedra do 1907. Em Compostela, no ano 1906 foi realizada umha prova que misturava atletismo, ginástica, trampolim... Nessa reuniom as disciplinas das corridas fôrom três: corrida lisa de velocidade, outra com barreiras e umha terceira "lisa de velocidade e resistência". Na mesma reuniom desportiva também tivemos altura, onde o vencedor foi Luis López Somoza, e salto comprimento, que chamavam "salto em anchura", que tivo o mesmo vencedor. Nestes encontros, igual que nos de Vigo, destacou Manuel Ocaña. Era um renascentista da época que fazia de todo: velocista, jogador de futebol e fundador do Vigo F.C., o clube senlheiro da cidade de Vigo nos inícios do futebol.

No ano 1908 celebra-se em Ferrol umha corrida organizada por umha nova sociedade chamada "Alltheweek". A sua denominaçom indica claramente a origem dos seus fundadores.

Reuniom atlética por volta do 1915 no Campo de Coia, em Vigo, com o monte do Castro ao fundo

A primeira reuniom atlética

Mas nom foi até o ano 1913 quando se puido falar dumha verdadeira reuniom de atletismo com todos os elementos necessários para considerá-la de certo nível. Os artífices fôrom os membros do Cable Inglés e o Cable Alemán que estavam assentados em Vigo. Eram os operários de duas empresas que trabalhárom em Vigo entre 1873 e 1969 no telégrafo, e que convertêrom Vigo num referente mundial das comunicaçons. Eles introduzírom o atletismo, mas também som artífices da introduçom do vinho do Porto, do ténis de mesa, do futebol, do rugby... Os ecos dos Jogos Olímpicos de 1912 em Estocolmo chegárom a todas partes e tentou-se imitar neste meeting que tivo os alemáns e os ingleses como principais fornecedores e participantes ativos. A prova foi no Campo de Coia, no que hoje é o cruzamento das ruas Beiramar e Corunha da cidade de Vigo. E contou com a presença dos dous cônsules, o alcaide de Vigo e todas as autoridades da época. Houvo juízes que cronometrárom, assistência médica por se havia algum incidente, prémios e troféus. A organizaçom foi modélica em muitos aspetos e os resultados desportivos altamente satisfatórios. Invitou-se a participar as equipas de Ponte Vedra, Corunha e Santiago, mas finalmente só partipárom cinco equipas (três de Vigo, a equipa inglesa e a equipa alemá). Os resultados das provas de pista nom som muito fiáveis, 10.8 nos 100m e 3.55 nos 1500m som marcas que nom podem ser exatas, mas as de lançamentos e saltos podem ser consideradas como mais fidedignas. Os resultados fôrom:

-100m: 1º L. W. Taylor do Cable Inglés (10.8) e 2º Arturo Álvarez do Clube de Vigo (11.4)
-Altura: 1º Wolters 1.55 e 2º F. Steimbruggen 1.50 (Cable alemán).
-Lançamento de peso: 1º Luís García (Fortuna) com 9.75 e 2º Rafael Méndez (Club de Vigo) com 8.95
-Estafetas 900 m: Vence o Cable Inglés com Taylor, Brett e Bernard.
-Longitude: 1º Adams, do Cable Inglés (5.30) 2º Bantle, do Cable Alemão (5.20)
-Corrida de resistência 1500 m: 1º Brett, do Cable Inglés, com 3.55 [A marca lograda indica que ou se mediu mal ou a cronometragem foi mal efetuada]. 2º De Haz, do Clube Vigo. 3º Bantle, do Cable alemám.

Mas a colaboraçom germano-británica acabou no ano 1914 com o começo da I Guerra Mundial. O desporto foi um dos eidos que mais se viu prejudicado. Até essa data podíamos ver atletas dos dous países competindo, fundamentalmente em provas de rota, mas depois já nom tivemos mais colaboraçons e isso levou a um enfraquecimento do atletismo galego. Os alemáns continuárom a competir, nom assim os ingleses, que aparecêrom só nalgum cross.

Segundo refletia o jornal *"Vida Deportiva"* no ano 1916 estes eram os recordes galegos antes da celebraçom dos chamados "Jogos Olímpicos" na Corunha no ano 1916.
-Peso: Luis García 10.07
-Disco: Fernando de Castro 28.87
-Salto em alto: Traz Steinbruggen 1.55 (Sport Germania)
-Comprimento : P. M. Adams 5.30
100m : L.W. Taylor 11.0
-Estafetas (relevos 3x300): Sport Germania
-1500m: Jacobo Torres (Fortuna).
-100 m.v Arturo Álvarez (Vigo).

Chama a atençom que Steinbruggen tivera o recorde quando Wolters figera 1.55 em Vigo (1913). Talvez fosse um erro e depois também modificárom o tempo de Taylor, que passa de 10.8, como sinalavam os jornais em 1913, a 11.0.

TEMPOS LIVRES

CONSUMIR MENOS VIVER MELHOR

A falácia dos agrocombustíveis

XAN DURO / Periodicamente agromam nos meios novas sobre os 'biocombustíveis' como energia sustentável substitutiva do petróleo. Primeira falácia, nom tenhem nada de 'bio', mas muito de 'agro', assim que a sua denominaçom correta deve ser agrocombustíveis ou agrocarburantes. A UE marcou-se como objetivo na sua Directiva 2009/28/CE, relativa ao fomento do uso de energia procedente de fontes renováveis, que para o ano 2020, 20 % da energia tivesse a sua origem em fontes renováveis, e que 10% dos combustíveis de transporte procedam, por sua vez, de fontes de energia renováveis. Para este último ponto, os Estados membros centraram nos carros elétricos e no uso de agrocarburantes como o

agroetanol e agrodiésel procedentes de cultivos como milho, trigo, a cana de açúcar, e azeites vegetais como palma, soja e colza.

Apesar das advertências de diferentes coletivos sociais, estas políticas tenhem demonstrado ser qualquer cousa menos sustentáveis, deixando em evidência as falácias que sustentavam a sua condiçom de combustíveis limpos.

A primeira consequência foi a transformaçom de milhons de hectares de cultivos alimentares nos países do sul em cultivos energéticos, encarecendo o mercado de alimentos e agravando a já precária situaçom da maior parte da populaçom. A segunda foi a extensom da prática de ocupaçom de terras por parte de terceiros países e grupos financeiros para jogar nos mercados, expulsando as populaçons que estorvam e comprometendo a pouca soberania alimentar com que contavam. A terceira, o desflorestamento acelerado para aceder a maiores terrenos agrícolas.

Os agrocombustíveis som umha vertente mais dumha agricultura industrial insustentável, de uso intensivo de agrotóxicos e organismos modificados geneticamente e com um nulo envolvimento no tecido social e étnico-cultural das populaçons da zona de exploraçom.

Este dado já é suficiente para qualificá-los de insustentáveis, mas outra falácia é o seu suposto benefício no que respeita às emissons de CO2 causantes do efeito estufa. Todo o CO2 que podam absorver as plantas no seu processo de crescimento volta imediatamente à atmosfera na sua combustom, a isso temos que acrescentar o CO2 emitido com a destruiçom de massa florestal para realizar os cultivos, o que se conhece tecnicamente como Mudança Indireta do Uso de Terras (ILUC em inglês)

E a maior falácia é a sua funçom de substituiçom do petróleo. Como assinala Mariano González em 'Mitos, quimeras y agrocombustibles' no El País, “Se toda a biomassa disponível atualmente em todo o planeta se destinasse a produzir agrocarburantes, apenas serviria para cobrir entre 3 e 6% do consumo mundial de energia”.

ENTRELINHAS

Abordaxe, revista anarquista pola extensom da guerra social

RUBÉN MELIDE / Vem de sair a lume o quarto número da Abordaxe, revista anarquista pola extensom da guerra social, que complementa a publicaçom homónima que as libertárias galegas mantenhem na rede. Com sesenta e oito páginas e integramente em galego, a Abordaxe debruça-se sobre temas como a história da pirataria, a tortura nos cárceres, as experiências de okupaçom na cidade de Compostela, a ameaça securitária no Porto, a noçom de território ou o consumo de drogas, para além de incluir conversas com figuras como Pedro García Olivo –esta em formato de auto-entrevista- ou o insurrecionalista siciliano Alfredo M. Bonanno.

O editorial da revista serve como declaraçom de intençons, orientando-nos a respeito do caráter da mesma e deitando um pouco de luz sobre o caminho que pretendem percorrer as pessoas que estám por trás dela. Assim, é exprimido o receio das anarquistas para com qualquer organizaçom que quiger exercer como vanguarda dum eventual processo revolucionário, como também se manifesta a rejeiçom frente às montagens policiais ou é posta de relevo a necessidade urgente de perder o medo.

No que diz respeito aos conteúdos, resulta-nos particularmente interessante o referente à história da pirataria. Fugindo de maniqueísmos e de idealizaçons pueris, o autor realiza um percurso polas aventuras piratescas, da Grécia clássica à Somália atual, passando pola lendária Ilha da Tartaruga gerida pola Confraria dos Irmaos da Costa no século XVII.

Por sua parte, Miquel Amorós ocupa-se da noçom de território ao longo da história, considerando-a poluída polos interesses económico-políticos dominantes em cada momento, o que nos fai chegar ao conceito de “nom-lugar” ou “panóplia”, espaço físico vazio no qual as pessoas se vem reduzidas à condiçom de transeúntes ou clientes.

Também nos resulta de sumo interesse o artigo que, sob o título de Miedo y asco en el chiringuito realiza um percurso sobre o papel de controlo social que tivérom as drogas nas décadas de 80 e 90. Longe do moralismo, mas sem laxitude, com referências documentais mas desde a subjetividade, o autor pergunta-se os motivos de as drogas duras se terem espalhado bem mais entre setores dissidentes –caso do anarquismo ou a esquerda abertzale- do que entre a populaçom em geral.

O trabalho das gentes de Abordaxe resulta, sem qualquer dúvida, de grande interesse e utilidade ainda fora do anarquismo. Se tivéssemos que encontrar algum defeito, certeza que nos centraríamos no emprego da língua galega, cuja qualidade ao longo da revista resulta um tanto irregular.

abordaxerevista.blogspot.com

ERRATAS

No último número do periódico, duas assinaturas aparecêrom com erro. Na secçom de Humor na página 2, o quadrinho é desenhado polo Beto, e nom polo Gonzalo como figurava. Doutro lado, a imagem e texto na secçom 'A Foto' da Revista, som de Miguel Auria, e nom Aria como apareceu por causa dumha gralha.

CENTROS SOCIAIS

Aguilhoar
O Forno · Ginzo de Límia

Arredista
Rodas, 25 · Compostela

CS Almuinha
Rosalia de Castro, 46 · Marim

Artábria
Trav. Batalhons · Ferrol

Aturujo
Principal · Boiro

Bou Eva
Terço de Fora · Vigo

A Casa da Estación
Ponte d'Eume

Casa do Sar
Curros Enríquez · Compostela

CSO Casa do Vento
Figueirinhas · Compostela

CSO A Kasa Negra
Perdigom · Ourense

LS do Coletivo Terra
Boa Vista · Ponte d´Eume

A Cova dos Ratos
Romil · Vigo

Distrito 09
Coia · Vigo

Ateneu Libertário A Engranaxe
Rio Sil · Lugo

Faísca
Calvário · Vigo

Fervesteiro
Adám e Eva · Ferrol

O Fresco
Bº da Ponte · Ponte Areias

O Fuscalho
Frente à Atalaia · Guarda

A Ghavilla
Ponte da Raínha · Compostela

Gomes Galoso
Monte Alto · Corunha

Liceo Murante
Rosalia de Castro · Ponte Vedra

CS Lume!
Rouxinol nº16 · Vigo

Mádia Leva
Serra de Ancares · Lugo

CSO Palavea
Palaveia · Corunha

CS En Pé
Zona velha · Ponte Vedra

O Pichel
Sta. Clara · Compostela

A Revira
Gonz. Gallas · Ponte Vedra

A Revolta do Berbés
Rua Real · Vigo

A Revolta de Trasancos
A Faísca · Narom

Sem um cam
Rua do Vilar, 9 · Ourense

A Tiradoura
Reboredo · Cangas

CS VagaLume
R. das Nóreas, 5 · Lugo

CS Xebra
Leandro Curcuny · Burela

CSO Xuntas
Rua do Carme · Vigo

CS A Zalenvá
R. Carris, Valençá · Barbadás

QUE FAZER

19.03.2014 / PROJEÇOM DE *A MINHA WINNIPEG*, DE GUY MADDIN / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela, dentro do ciclo 'Filmar o exilio'. VOSG.

20.03.2014 / PROJEÇOM DO DOCUMENTÁRIO *A DERRADEIRA LECCIÓN DO MESTRE*, DE CARLOS GARRIDO / 21:00 NO C.S. O Carneiro Alado (Rua Salvador de Madariaga, 8). LUGO

21.03.2014 / CONFERÊNCIA 'O REINO MEDIEVAL DE GALICIA', POR ANSELMO LÓPEZ CARREIRA / 20:30 na livraria Andel (Avenida das Camélias, 102). VIGO

21.03.2014 / APRESENTAÇOM DO LIVRO *VENTO E CHUVIA*, DE MANUEL GAGO / 20:30 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

21.03.2014 / CHARLA SOBRE 'O MESTRE DA REPÚBLICA' / 21:00 NO C.S. O Carneiro Alado (Rua Salvador de Madariaga, 8). LUGO
Falará o escritor e professor Xosé Manuel Suárez.

22.03.2014 / ATURUJO À TERRA: I FEIRA DAS ARTES E DAS LETRAS PARA A TERRA / 12:00 na Eira da Xoana (Ramil). AGOLADA
Palestras, feira, música, atividades para nenos e nenas, jantar, roteiro polas árvores da zona e festa da primavera.

22.03.2014 / REPRESENTAÇOM DE HAMSTER, DE SANTIAGO CORTEGOSO / 21:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Polo grupo Histeria Teatro.

25.03.2014 / CELSO CONTA CONTOS NA GENTALHA / 17:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Contadas de Celso F. Sanmartín todas as últimas terças-feiras de mês.

26.03.2014 / PROJEÇOM DE *A ÚLTIMA VEZ QUE VI MACAU*, DE JOÃO PEDRO RODRIGUES E JOÃO RUI GUERRA DA MATA / 21:30 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Organiza o Cineclube de Compostela, dentro do ciclo 'Filmar o exilio'. VOSG.

26.03.2014 / CONCERTO DE OS DERRADEIROS E OS NOVOS / 21:30 no C.S. Xebra (Rua Leandro Cucurny, 19). BURELA

VERDEGAIA E ADEGA

Entidades ecologistas organizam roteiros pola Serra do Xistral e polas águas de Riotorto

As organizaçons ecologistas Verdegaia e Adega (comarca de Lugo) continuam no início da primavera os seus ciclos de roteiros.
Adega Lugo programou um ano de caminhadas dedicadas "à água como fonte de vida, de trabalho, de património, de paisagem, etc.". No dia 23 de março está previsto que visitem Riotorto num roteiro titulado 'Águas que trabalham'.
O vai grupo sair às nove da Faculdade de Formaçom do Professorado (Avda. Ramón Ferreiro), em Lugo. Para reservar vaga há que telefonar para o 982 240 299 ou para o 679 113 718. Este blogue tem mais informaçom: *http://roteirosadegalugo.blogaliza.org/*.
Pola sua parte, Verdegaia chama, dentro do programa 'Vai de roteiros!', a visitar a Serra do Xistral, num roteiro organizado polo núcleo comarcal de Ferrol da entidade. Há mais informaçom e a possibilidade de inscriçom em *http://verdegaia.org*.
'Vai de roteiros! 2014' continua e finaliza no mês de junho com umha visita às carvalheiras de Vedra.

EM RAMIRÁS

Baile tradicional: o maneo

A Escola de Baile e Música Tradicional Rebulir organiza um curso de maneo em Ramirás. O mestre vai ser Javier Sanmartín, formado no grupo Cantigas e Agarimos e atual diretor do grupo de baile A Pontevella de Teio. Para este curso som requeridos conhecimentos elementares de baile tradicional, a partir dos quais vam ser desenvolvidos pontos e passos básicos de maneo. Será nos dias 23 e 30 de março no Centro Sociocultural do Picouto, em Ramirás. Horários e inscriçom em *http://www.rebulir.com/*.

DO FACHO

Concurso de contos infantis

A Agrupaçom Cultural O Facho organiza um concurso de contos elaborados por nenos e nenas para público infantil. Há duas categorias: de 6 a 12 e de 13 a 16 anos. Cada categoria tem dous prémios de 100 euros e "umha biblioteca de livros" por pessoa.
As bases, o contato e os prazos de convocatória estám no blogue da associaçom corunhesa: *http://agal-gz.org/blogues/index.php/ofacho/*.

Organiza o Cineclube de Compostela, dentro do ciclo 'Filmar o exilio'. VOSG.

27.03.2014 / PROJEÇOM DO DOCUMENTÁRIO *EDGAR ALLAN POE: AMOR, MORTE E MULHERES*, DE STUDIO-CREATIVO ¡PURO ARTE! / 21:00 NO C.S. O Carneiro Alado (Rua Salvador de Madariaga, 8). LUGO

28.03.2014 / APRESENTAÇOM DO LIVRO *FARRAPOS DE BONECA*, DE ROCHI NÓVOA VÁZQUEZ, E RECITAL ABERTO / 21:00 NO C.S. O Carneiro Alado (Rua Salvador de Madariaga, 8). LUGO
Com a presença da autora.

28.03.2014 / APRESENTAÇOM DO LIVRO *DO PIÑEIRISMO AO CONSELLO DA MOCEDADE. O REXURDIR DO NACIONALISMO GALEGO* / 21:30 no C.S. Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO
Com Uxío Breogán Diéguez.

29.03.2014 / CURSO DE BAILES AGARRADOS TRADICIONAIS GALEGOS / 10:30 na A.C. Brincadeira (Rua do Home Santo, 62). COMPOSTELA
Manuel Cobas será o professor; custa 12 euros. Inscriçom em *gbrincadeira@gmail.com* ou no telefone 625 600 692.

29.03.2014 / JORNADAS DE URBANISMO E PARTICIPAÇOM: ESPAÇO PÚBLICO E MOVIMENTOS SOCIAIS / 16:30 no C.S. Bou Eva (Rua Terzo de Fóra, 11). VIGO
Programa completo e horários definitivos em *http://acboueva.blogaliza.org/*.

29.03.2014 / CONCERTO DE CANTATA VERNÁCULA: NOVA TROBA TRUANA / 20:00 no Lar de Toxos (Rua Madalena, 220). FERROL
Ciclo de concertos no Toxos.

29.03.2014 / CONCERTO DE A QUENLLA / 20:30 na Casa do Saber (Praça de Pio XII, 5). LUGO
Apresentam '30 anos com A Quenlla de amor, dor e loita'.

29.03.2014 / CONCERTO DE OS DERRADEIROS, BARBITÚRICOS E UM GRUPO SURPRESA / 22:30 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

29 e 30.02.2014 / CURSO DE APICULTURA ECOLÓGICA / 10:00 no Centro Cultural de Paranhos. COVELO
Organiza Abella Lupa SAT; mais informaçom e inscriçom em *http://abellalupa.com*. Continua os dias 5 e 6 de abril.

30.03.2014 / HOMENAGEM A RICARDO CARVALHO CALERO / 12:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

02.04.2014 / OBRADOIRO DE REPARAÇOM DE BICICLETAS / 20:00 no C.S. Mádia Leva (Rua Serra dos Ancares, 18). LUGO
Todas as primeiras quartas-feiras de mês. Organiza a Masa Crítica de Lugo.

04.04.2014 / MASA CRÍTICA / 20:00 na Praça de Maria Pita. CORUNHA
Todas as primeiras sextas-feiras de cada mês, evento ciclista de participaçom aberta.

11.04.2014 / BAILE ASSALTO / 21:00 no C.S. O Pichel (Rua Santa Clara, 21). COMPOSTELA
Amenizado polos mestres e convidados da Escola Livre da MPG. Às 19:00 haverá curso introdutório ao baile.

11.04.2014 / VENRESPIRAR / 22:30 na Cervejaria Grândola (Praça de Sam Marcial). OURENSE
Ciclo participativo de música e dança tradicional organizado polas associaçons Gomes Mouro e Algaravía.

12.04.2014 / CONCERTO DE JAZZOLOGÍA / 21:00 no Auditório do Multiusos da Junqueira. REDONDELA
No ciclo Rede de Música Soltas. Entrada a 4 euros.

12.04.2014 / CONCERTO DE SUZIO 13 E THE BROSAS / 22:00 na Fundaçom Artábria (Travessa de Batalhons, 7 - Esteiro). FERROL

13.04.2014 / 4ª FEIRA DE SEMENTES E PLANTÓN ECOLÓGICOS / Toda a jornada na Fundación Galicia Verde (Leboso). FORCAREI
Mais informaçom: *http://fundaciongaliciaverde.org/*.

ENVIA CONVOCATÓRIAS ao correio agenda@novasgz.com antes do dia 12 de cada mês. Anuncia os teus atos no NOVAS DA GALIZA.

NOVAS DA GALIZA

Apartado 39 (15701) COMPOSTELA | Tel. 692 060 607 | info@novasgz.com

MIGUEL VALCÁRCEL, ATIVISTA E TRABALHADOR DO CENTRO SOCIAL A GENTALHA DO PICHEL

“É raro o coletivo que, tendo precisado do espaço, nom empregasse o Pichel”

RUBÉN MELIDE / É extremamente complicado, se nom impossível, fazer parte da Compostela que se move e nom ter no Pichel um ponto de referência. Se utilizarmos esta introduçom para enumerarmos todas as iniciativas que saírom de entre aquelas paredes, certeza que o parágrafo ficaria pequeno demais: da impulsom dumha escola em galego à recuperaçom da figura do apalpador, da sinalizaçom e divulgaçom do valor dos petróglifos da comarca ao fomento constante dum lazer em galego, a Gentalha leva já dez anos a ser um fervedouro de ideias e projetos. Sem irmos mais longe, o jornal em que estám impressas estas letras é elaborado nas dependências habilitadas para outros coletivos no andar superior do prédio. Para darmos umha vista de olhos sobre a década que vem de cumprir O Pichel, mantemos umha conversa com Miguel Valcárcel, balconista e dinamizador do centro social.

Poderias fazer-nos um pequeno resumo da atividade da Gentalha ao longo destes dez anos, assim como das metas atingidas?

O primeiro acerto foi talvez interagirmos com o bairro e ajudar a revitalizar as festas, com o qual se organizou um pouco a vida social nessa parte da cidade. Criou-se umha comissom de festas com gente do bairro, e daí surgiu umha dinámica que incluiu a criaçom da associaçom de vizinhas. O processo também foi importante para integrar a Gentalha na zona. Por outro lado, recuperamos um bocadinho o dia 17 de maio como data reivindicativa e de celebraçom. Da mesma maneira, tomárom-se um pouco as ruas em festas como o Sam Joám ou o Magusto. Como fitos mais reconhecíveis, eu colocaria a recuperaçom do Apalpador e a criaçom da escola Semente, mas o caminho está cheio de pequenos sucessos invisíveis, que som fruto do trabalho do dia-a-dia. No que diz respeito ao fator humano, eu até diria que foi demasiado constante: começamos um grupo de gente de vinte e tal anos, e agora somos o mesmo grupo, dez anos mais velhas, com o qual o projeto também foi madurando. Imagino que as dificuldades para reciclar-se e introduzir gente nova devem estar presentes um pouco por toda a parte.

Qual foi a relaçom com as instituiçons locais durante o decénio que estais a fechar?

Num começo contara-se um pouco com o governo municipal para fazermos a Festa do Dezassete na época do bipartido, mas afinal a ideia nom saiu adiante. Penso que, desde aquela primeira experiência, já nunca mais contamos muito com a Cámara municipal. A interaçom desde aquela altura foi escassa, e quase sempre para mal. Nunca lhes devemos cair demasiado bem. A respeito de Conde Roa, poderia-se dizer que integrou a Gentalha no seu discurso político. O PP ganhou de rebote as eleiçons e aginha nos denunciou por nom termos licença de abertura. Essa foi a primeira agressom direta, depois da qual viria um discurso criminalizador dos movimentos sociais, incluído o projeto do Pichel. Chegou-se a dizer de nós que éramos um *nido de terroristas* ou *el huevo de la serpiente*. Com a vitória do PP demos por sentado que a rua ia ser muito mais complicada do que antes para nós, e talvez também renunciássemos um pouco à presença de portas para fora. É complicado, porque nom foi tanto umha decisom consciente como um somatório de fatores. Por exemplo, até que começamos a fazer a Festa do Dezassete no local, sempre perdemos dinheiro com ela. Por outra banda, com a trintena cumprida já nom andamos como com vinte anos, quando acabávamos de arrumar o local e íamos para o Maycar a tomar-lhe umha...

Do tronco da Gentalha do Pichel saírom ramos bem interessantes como a associaçom de vizinhas As Marias ou a escola Semente...

Esses projetos nom é que saíssem diretamente da Gentalha. O nosso papel foi mais bem o de catalisador. Cumpre termos em conta que este era um bairro um tanto murcho, rodeado de conventos por toda a parte. Porém, existia umha boa quantidade de gente com vontade de fazer cousas. O Pichel serviu para a gente se conhecer entre ela e botar a andar. Entom fôrom criados projetos com os quais mantemos umha relaçom de reciprocidade e apoio mútuo.

Em que medida O Pichel é umha entidade aglutinante ou dinamizadora do ativismo cultural e dos movimentos sociais da cidade?

Podemos contemplar o projeto a partir de dous níveis: primeiro, como coletivo, como associaçom cultural com os seus grupos de trabalho, que realiza labores bem diversas. De outra parte, está o lugar físico, o centro social em si. Imagino que o rol de catalisador e de ponto aglutinante tem mais a ver com esta segunda dimensom. Mantemos um lugar aberto a toda classe de coletivos. É raro aquele coletivo que, tendo precisado do espaço, nom passasse polo Pichel.

Desde o começo da vossa atividade, o reintegracionismo é um dos principais traços da identidade da associaçom e do centro social. Quais som as limitaçons e as potencialidades deste facto numha cidade como Compostela?

Como dis, as linhas básicas do projeto estivérom muito claras desde o primeiro dia. Isto facilitou a consolidaçom da Gentalha no tempo: há umhas questons a respeito das quais toda a gente está conforme, e essas som as linhas a partir das que se trabalha. O reintegracionismo é umha delas desde sempre, aqui todo se fai em reintegrado. Poderia parecer que cria muita mais reaçom da que realmente produz no resto da populaçom e na vizinhança, mas na realidade nom é nengum fator de isolamento nem provoca umha grande rejeiçom. Por exemplo, vês que os cartazes das festas do bairro som tirados na norma AGAL, e nom se passa nada. Com a revista da associaçom de vizinhos, que tem artigos em reintegrado, tampouco há problema nengum. Acontece o mesmo com as nossas comunicaçons com a gente que vem aos cursos. Com coletivos nom explicitamente reintegracionistas mantemos umha relaçom fluída sem que a questom linguística suponha um impedimento. Talvez nestes dez anos se tenha normalizado um pouco essa dimensom do problema linguístico.

Xurxo Borrazás

HISTÓRIA ABREVIADA DO TERRORISMO EM ESPANHA

Andam no PP com o formigo no corpo, nom vem o que fazer com as maos e nos conselhos de ministros porque ETA nom lhe dá um pau à àgua. Antes os governos, nos momentos difíceis, podiam distrair com esse recurso e a ideologia reacionária disfarçava-se de humanismo. Mas agora o que? É tal o desassossego que já estám a planificar dar um ultimato à organizaçom basca: ou acontece algo de umha vez por todas ou vam fazer como Jordi Évole, montar um *fake.*

Um atentado dos de antes apagava de golpe a tragédia do desemprego, a corrupçom sistémica, a debacle financeira, a dívida externa e o recibo da luz. O alarme dava um respiro. Por isso a umha dose de terrorismo, sejamos realistas, sempre se lhe pode dar uso. Um terrorismo baixo controlo, de perfil baixo, de *kale borroka* em Gamonal (lembrade as palavras de Ana Botella: “os atentados de Burgos”), de escraches no bairro de Salamanca ou sentadas em Neptuno, de okupaçom de imóveis, de assaltos em Melilla, de cadeias humanas e desafios soberanistas, de advogados que engolem documentos em Euskadi ou mesmo marés de todas as cores. Terrorismo é o que sobra e nunca na História faltou.

Viriato nom foi um pegureiro lusitano: foi um terrorista porque nom renunciou à força para combater a ordem estabelecida. O povo de Numáncia, terroristas suicidas. A Reconquista foi umha orgia de terrorismo e o Cid Campeador o seu Ben Laden. Os Irmandinhos, os Comuneiros de Castela e as Germanias... mais do mesmo. Bartolomé de las Casas, terrorista. A Ilustraçom, fundamentalismo antisistema. Maria Pita, os fuzilados do 2 de maio, Agustina de Aragón e Cachamuinha, terroristas. Os libertadores americanos, terroristas. Rosalia, Pondal e Curros, o que vos vou contar. Os movimentos operário, feminista ou estudantil, terroristas. A imprensa, intoxicadora. Hoje até alguns juízes som quintacolunistas subversivos. Até o Papa é alcunhado de insurgente. Qualquer um pode ser multado e encarcerado por ter no sobrado... líquido de travons, pois, misturado com mexo de bispo ao banho maria e nas doses apropriadas, pode resultar tóxico. Minha mae, quanto veneno!